

NAS ENTRELINHAS DO ÉDEN: DESVENDANDO O CONFLITO ENTRE O HOMEM, DEUS E A SERPENTE

Leo Eduardo Menegusso Valenzi¹
Renato Stencel²

Resumo

O texto de Gênesis 2:4b-3:24 traz um conflito envolvendo Deus, o primeiro casal humano e a serpente. Este artigo estuda o enredo dessa narrativa, com um foco nesse conflito, e busca definir suas proporções, para observar como a caracterização e apresentação dos personagens o afeta. As metodologias utilizadas foram uma revisão bibliográfica e uma leitura atenta (*close reading*) do texto. Concluiu-se que a caracterização dos personagens e o enredo demonstram que o conflito apresentado vai além do contexto imediato e tem como ênfase uma batalha entre Deus e a serpente, com o seu centro sendo o caráter de Deus. O conflito é parcialmente resolvido dentro da perícopa, mas existe a promessa de uma solução definitiva da parte de Deus.

Palavras-chave: Gênesis; Éden; Conflito cósmico; Bíblia.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Received: 05/03/2024
Approved: 28/05/2024

Como citar: VALENZI, L. E. M.; STENCEL, R. Nas entrelinhas do Éden: desvendando o conflito entre o homem, Deus e a serpente. **Kerygma**, Engenheiro coelho (SP), v. 19, n. 1, p. e1617, 2024. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v19.n1.pe1617>

¹ Bacharelado em teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP/EC, São Paulo, (Brasil). E-mail: leoevalenzi@gmail.com

² Doutor em história da educação pela Universidade Metodista de Piracicaba — Unimep, São Paulo, (Brasil). Diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White no UNASP e do Centro Nacional da Memória Adventista. Professor de teologia histórica na Faculdade de Teologia e do programa de Pós-graduação em Teologia do UNASP-EC. E-mail: renato.stencel@unasp.edu.br



IN THE MARGINS OF EDEN: UNVEILING THE CONFLICT BETWEEN MAN, GOD, AND THE SERPENT

Abstract

The text of Genesis 2:4b-3:24 presents a conflict involving God, the first human couple, and the serpent. This article examines the plot of this narrative, focusing on the conflict and defining its proportions to observe how the characterization and presentation of the characters affect it. The methodology used consisted of a literature review alongside a close reading of the text. It was concluded that the characterization of the characters and the plot demonstrate that the conflict presented in Genesis 2-3 goes beyond the immediate context and emphasizes a struggle between God and the serpent, with God's character at its center. The conflict is only partially resolved within the immediate pericope, but there is a promise of a definitive solution from God.

Keywords: Genesis; Eden; Cosmic conflict; Bible.

ENTRE LAS LÍNEAS DEL ÉDEN: DESVELANDO EL CONFLICTO ENTRE EL HOMEM, DIOS E LA SERPIENTE

Resumen

El texto de Génesis 2:4b-3:24 presenta un conflicto que involucra a Dios, la primera pareja humana y la serpiente. Este artículo estudia la trama de esta narración, con un enfoque en dicho conflicto, y busca definir sus proporciones para observar cómo la caracterización y presentación de los personajes lo afecta. Las metodologías utilizadas fueron una revisión bibliográfica y una lectura atenta del texto. Se concluyó que la caracterización de los personajes y la trama demuestran que el conflicto presentado en Génesis 2-3 va más allá del contexto inmediato y se centra en una batalla entre Dios y la serpiente, teniendo como centro el carácter de Dios. El conflicto sólo se resuelve parcialmente en el perímetro inmediato, pero existe la promesa de una solución definitiva de parte de Dios.

Palabras clave: Génesis; Edén; Conflicto cósmico; Biblia.



INTRODUÇÃO

Ao abrir uma Bíblia, o leitor se depara imediatamente com o relato da criação, o qual é dividido em duas narrativas –a primeira apresenta a criação de forma geral (Gn 1:1-2:4a) e a segunda tem foco na criação do ser humano (Gn 2:4b-25) –, e na sequência com “a queda do homem” (Gn 3³). Tais narrativas, dentre outras, fazem com que o livro de Gênesis estabeleça a fundação teológica sobre a qual o restante das Escrituras repousa. “A importância do Gênesis não pode ser exagerada quando se trata de proclamar ‘toda a vontade de Deus’ (At 20:27). Ele serve como a base literária e teológica para toda a Escritura canônica” (Mathews, 1996, v. 1A, p. 22)⁴. Isso é verdade, de forma especial, no que se refere aos três primeiros capítulos do livro.⁵

Ao nos aproximarmos desse texto, uma análise do seu enredo e de como cada personagem é apresentado e caracterizado pode nos ajudar a entender a abrangência da narrativa. O objetivo central deste artigo será identificar o que a caracterização e apresentação de cada personagem de Gn 2:4b-3:24 nos mostram do conflito ali presente. Um objetivo secundário será identificar se a tal narrativa tem como foco o ser humano ou Deus, ou seja, se o autor colocou uma ênfase maior sobre o casal humano ou sobre Deus e suas ações.

O texto será avaliado de uma perspectiva narrativo-teológica, realizando uma leitura atenta (*close reading*)⁶ do texto, analisando elementos como o enredo e como este se desenvolve, a caracterização dos personagens, a problemática presente e sua resolução. A leitura será principalmente de caráter sincrônico, focada no texto como chegou até nós e não em sua compreensão histórica. O desenvolvimento do conflito na narrativa terá grande importância, de forma que serão analisados desde os elementos em Gn 2:4b-25, que apontam

³ A menos que seja mencionado expressamente em contrário, todas as citações bíblicas em português neste artigo são da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA).

⁴ Neste caso, e em todos os outros casos em que a fonte original não se encontra em português, o texto foi traduzido pelo autor do artigo presente, com o original presente no formato de uma nota de rodapé. “Genesis stands second to none in its importance for proclaiming ‘the whole will of God’ (Acts 20:27). It presents the literary and theological underpinning of the whole canonical Scriptures.”

⁵ “... whether someone is evangelical or liberal, it is clear that Genesis 1-3 is the interpretive foundation of all scripture. In these chapters, the cardinal doctrines of creation, sin, and redemption are introduced and defined” (Rankin, 1996, p. 203).

⁶ Como demonstrado por J. H. Coetzee (1994, p. 76), “a comprehensive term for different approaches to texts. Primarily it comprises a detailed analysis of the language, style and rhythm. In most cases this is combined within the scope of a text as a whole”. Ao fazer uma *close reading* do texto, trataremos o texto como “an intentionally written, carefully crafted and coherent narrative” (Vogel, 2019, p. 8), iremos ler o texto prestando atenção no desenvolvimento do enredo, na caracterização dos personagens e como cada um influencia o enredo.



e preparam o leitor para o capítulo seguinte, até o capítulo 3, que apresenta esse conflito. Por fim, os três personagens principais serão isolados e será realizada uma breve análise de seus objetivos e influência dentro do texto.

CLOSE READING DE GÊNESIS 2:4B-25

Durante o primeiro trecho (Gn 2:4b-25) percebe-se que o foco do narrador está no ser humano. Ao mesmo tempo, é possível perceber que Deus é a única pessoa com ações nos versos 4-18; o homem só tem o papel de escutar. Já nos versos 19-25, o homem nomeia os animais (2:20) e faz uma declaração a respeito de Eva (2:23). Porém, o ser humano nunca age de maneira independente: todas as suas ações partem de uma iniciativa divina (por exemplo, Deus é quem traz os animais para serem nomeados, cria a mulher, dá as instruções etc.). O texto apresenta o preparo do ambiente para o ser humano e o estabelecimento deste em seu novo lar (Gn 2:15).

O arco do conflito explicitado no capítulo 3 começa, na verdade, nesse capítulo. Prestes (2023, p. 503) argumenta que o segundo relato da criação “contém elementos prolépticos [...] que sugerem a presença de uma disputa de soberanias (conflito cósmico) em segundo plano”.

⁷ Os três principais seriam:

- 1) a introdução da árvore do bem e do mal (verso 9),
- 2) a instrução de Deus de guardar e lavar o jardim (verso 15),
- 3) o mandamento de não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (versos 16-17).

ÁRVORE DO BEM E DO MAL

O primeiro elemento proléptico é a introdução da árvore do conhecimento do bem e do mal, assunto muito discutido no meio acadêmico (Emmrich, 2001). Duas árvores são apresentadas como estando “no meio do jardim”: a árvore da vida e a já referida árvore do conhecimento do bem e do mal (2:9, NAA). Elas oferecem ao casal a opção de escolha (Tonstad, 2016) e representam a possibilidade de fazer algo contra a vontade Divina (ver Gn 2:16-17). Cada árvore representa “lealdade a diferentes governantes ou soberanos” (Prestes,

⁷ “... contains proleptic elements (pointing to the next chapter) suggesting the presence of a contest of sovereignties (cosmic conflict) in the background.”



2023, p. 101)⁸. Deus introduz esse elemento ao casal como uma oportunidade de escolher a quem eles vão servir, demonstrando que não controla o casal, mas dá liberdade para tomarem suas próprias decisões.

CUIDAR E CULTIVAR

O segundo elemento, é a instrução de “cuidar e cultivar” (Gn 2:15) o jardim. Prestes explica:

O homem deve “lavar” (עבד/avad) e “guardar” (שמר/shamar) o jardim (Gn 2:15). O último termo parece apontar para o que está por vir em Gênesis 3. Isso é evidenciado pela amplitude semântica de shamar, que inclui “estar em guarda” contra e “proteger” do perigo ou ameaça (2023, p. 98).⁹

Segundo Waltke,

Em outros lugares do Pentateuco, essa expressão [cuidar e cultivar] descreve somente a atividade dos sacerdotes. O último termo inclui guardar o jardim contra a usurpação de Satanás [...]. Como sacerdotes e guardiães do jardim, Adão e Eva deveriam ter expulsado a serpente; em vez disso, ela os expulsa” (2001, p. 87; ver Doukhan, 2016, v. 1, p. 78-79; Sklar, 2018, p. 188)¹⁰.

Essa instrução coloca sobre o casal o dever de manter o jardim do mesmo modo que o receberam (Doukhan, 2016, v. 1).

Também, a caracterização tanto de Deus quanto do homem como agricultores enfatiza a conexão entre os dois (Prestes, 2023). Vemos um “comentário” sobre o domínio que é dado ao casal em Gn 1:26 (Dempster, 2006, v.15), o qual era uma delegação da parte de Deus, colocando o ser humano como seu representante na terra (Middleton, 1994). Deus colocou a responsabilidade da guarda do jardim sobre o casal do mesmo modo que transferiria essa responsabilidade ao querubim em Gênesis 3:24 (ver Ojewole, 2002, p. 127). Nesse mesmo ponto da narrativa, o casal, por sua vez, continuaria lavrando a terra, no entanto fora do jardim (3:23).

⁸ “... allegiance to different rulers or sovereigns.”

⁹ “Man is ‘to work’ (עבד/avad) and ‘keep’ (שמר/shamar) the garden (Gn 2:15). The latter term seems to point forward to what is coming in Genesis 3. This is noted by the semantic range of *shamar* which includes to ‘be on ... guard’ against and to ‘protect’ from danger or a threat.”

¹⁰ “Elsewhere in the Pentateuch this expression describes activity only of priests. The latter term entails guarding the garden against Satan’s encroachment [...] As priest and guardians of the garden, Adam and Eve should have driven out the serpent; instead it drives them out.”



NÃO COMERÁS

O terceiro elemento proléptico é a “proibição de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal em 2:17” (Prestes, 2023, p. 99)¹¹. Esse elemento é muito importante dentro da narrativa estudada, pois introduz a base da problemática/atrito apresentados, representando a oportunidade de escolha do casal, elementos que serão discutidos posteriormente.

ESTAVAM NUS...

Outro elemento proléptico é encontrado em Gn 2:25, o qual inicia um jogo de palavras que irá desenrolar-se no restante da narrativa. Esse verso não foi muito explorado por acadêmicos dentro do contexto de um conflito, mas indiretamente demonstra o relacionamento entre o homem e Deus. Posteriormente, os ecos desse verso nos ajudam a entender o rompimento desse relacionamento e o estado moral do casal no decorrer do texto (ver Wenham, 1987, v. 1, p. 72).

Lê-se que “O homem e sua mulher viviam nus, e não sentiam vergonha” (Gn 2:25, NVI). De acordo com Doukhan, a palavra “nus” (עָרוּמִים/’*arummim*) indica que “Eles estão em um estado que ‘ainda não foi’ afetado pelo pecado” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 86)¹², um estado de inocência (Sailhamer, 1990, v. 2; Humphreys, 2001) e vulnerabilidade (Humphreys, 2001), sem uma compreensão prática do pecado. Possuíam apenas o entendimento teórico de que se desobedecessem, certamente morreriam (Gn 2:17).

O fato de que “o homem e a mulher estão ‘nus’, mas não ‘envergonhados’ quer dizer que eles ‘ainda não’ foram atacados pelo inimigo” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 87)¹³. Esse é um comentário sobre o estado moral do casal, demonstrando sua inocência. Nesse ponto da narrativa, a possibilidade de uma escolha que revelasse o posicionamento do casal no conflito era concreta: as duas árvores já estavam presentes, mas o casal não demonstrava nenhum interesse em comer do fruto proibido.

O verso (Gn 2:25) também destaca que, mesmo estando nu, o casal não sentia vergonha. Mathews comenta que “teria sido notável para os Hebreus o fato de o casal estar

¹¹ “... prohibition to eat from the tree of knowledge of good and evil in 2:17.”

¹² “They are in a state that has ‘not yet been’ affected by sin.”

¹³ “That the man and the woman are ‘naked’ but ‘not ashamed’ means that they have ‘not yet’ been attacked by the enemy.”



nu sem se envergonhar” (1996, v. 1A, p. 225)¹⁴. No antigo oriente próximo, a nudez era extremamente interligada à vergonha. Então, o fato de o autor destacar que eles não sentiam vergonha daria uma ênfase especial a essa questão. Em outras palavras, mais uma vez, o pecado ainda não os havia atingido.

Na sequência, o

efeito da Queda não foi simplesmente que o homem e a mulher passaram a saber que estavam ‘nus’ (*‘arum*). O efeito, na verdade, é que eles passaram a saber que estavam ‘nus’ (*‘erom*) no sentido de estarem ‘sob o juízo de Deus’, como em Deuteronômio 28:48 (Sailhamer, 1990, v. 2, p. 49)¹⁵.

Sailhamer claramente identifica a transição de inocência para um estado sem inocência, de um estado livre para um estado de condenação. Sobre a queda, Ellen G. White comenta: “Desapareceram o amor e paz que haviam desfrutado, e em seu lugar experimentavam uma intuição de pecado, um terror pelo futuro, *uma nudez de alma*” (White, 2007, p. 26, grifo nosso). Pode-se notar que a nudez sentida não era somente uma nudez física, mas também essa vulnerabilidade e inocência já descrita, ou *“nakedness of soul”* (White, 1890, p. 57).

GÊNESIS 3:1-6

Durante o trecho de Gn 3:1-6, Adão e Eva se veem face a um dilema ideológico. Aqui o casal tem a escolha de continuar seguindo a Deus, e manter sua função de cuidar do jardim, ou desobedecer e se juntar à serpente, rejeitando a Deus, correndo o risco de sofrer a consequência prometida, isso é, a morte.

A APRESENTAÇÃO DA SERPENTE

O primeiro verso do capítulo 3 começa apresentando um novo personagem à narrativa: a serpente (Gn 3:1). A identidade desta é um tema amplamente discutido no âmbito da teologia (Magnum; Custis; Widder, 2012). Alguns sugerem que “ela aparece aqui [Gn 3] como

¹⁴ “It would have been remarkable to the Hebrews that the couple could be naked without embarrassment.”

¹⁵ “The effect of the Fall was not simply that the man and the woman come to know that they were ‘naked’ (*‘arum*). The effect is rather that they come to know that they were ‘naked’ (*‘erom*) in the sense of being ‘under God’s judgement,’ as in Deuteronomy 28:48.”



a representante do poder da tentação”¹⁶ e “não é, portanto, dentro da narrativa identificada com o Maligno” (Erith, 1928, p. 44)¹⁷. Outros a identificam como um ser pessoal: “O tentador era o diabo, na forma e semelhança de uma serpente” (Henry, 1997; Gn 3:1)¹⁸; “Contudo, em sentido figurativo, Satanás é ocasionalmente chamado de ‘serpente’, porque a usou como médium em sua campanha para enganar o homem [...] ele [Satanás] falou a Eva através de uma serpente” (Dorneles, 2011, v. 1, p. 213).

Considerando Gênesis dentro de seu ambiente canônico (a Bíblia como um todo), pode-se identificar a serpente com base em textos como Isaías 27:1, Romanos 16:20 e Apocalipse 12:9, dentre outros. Assim, este artigo seguirá o segundo entendimento, isso é, o de que a serpente era de fato Satanás, o inimigo e acusador de Deus (ver Mathews, 1996, v. 1A, p. 234).

Ainda no primeiro verso, ela é caracterizada como “mais sagaz que todos os animais selváticos”. A palavra traduzida como ‘sagaz’ aqui é עָרוּם (*‘arum*), a qual tem o significado de “astuto (geralmente em um sentido negativo) [...] artiloso, prudente” (Strong, 2009, p. 91)¹⁹ e “é algumas vezes usada na Bíblia para indicar uma desfavorável tendência de caráter (Jó 5:12, 15:5), com a conotação de ser ‘astuto’ ou ‘artiloso” (Dorneles, 2011, v. 1, p. 212).

Pode-se interpretar *‘arum* seguindo a conotação negativa quando se refere à serpente (Magnum; Custis; Widder, 2012; Skinner, 1910). Fica evidente, assim, um contraste entre o casal e a serpente relacionado ao uso de *‘arummim* (עֲרוּמִים) para o casal e *‘arum* (עָרוּם) para a serpente: “*‘arum*, ‘astúcia’, contrapõe-se a *‘arummim*, ‘nus’, do verso anterior” (Alter, 1996, p. 11)²⁰.

De um lado, temos a serpente, que é descrita como sendo *‘arum*, ou seja, sagaz, esperta, sábia e astuta. Do outro lado, o casal humano, que está nu, vulnerável, inocente, ainda tendo a ingenuidade normalmente atribuída à infância. Pode-se então fazer a comparação da inocência e dependência de Deus do casal com a sagacidade, autossuficiência e independência intelectual da serpente.

Além disso, o versículo 25, sendo uma transição antecipa o papel da serpente e associa a astúcia da víbora com a inocência perdida do primeiro casal. O termo ‘nu’ (pl. ‘ărûmmîm) é um jogo de palavras com

¹⁶ “... it appears here as the representative of the power of *temptation*.”

¹⁷ “The serpent is not, however, in the narrative identified with the Evil One.”

¹⁸ “The tempter was the devil, in the shape and likeness of a serpent.”

¹⁹ “... cunning (usually in a bad sense):—crafty, prudent, subtil.”

²⁰ “... *‘arum*, ‘cunning,’ plays against *‘arumim*, ‘naked,’ of the previous verse.”



o termo 'astuto' ('ārûm), que descreve a natureza da serpente (3:1). Como resultado da 'astúcia' da serpente, nossos pais pecaram e experimentaram a vergonha de sua 'nudez' na presença de Deus (3:7) (Mathews, 1996, v. 1A, p. 115)²¹.

Outra linha de raciocínio possível é que o significado de sagaz tem conotações positivas em relação à serpente (Dorneles, 2011, v. 1). Prestes faz um comentário interessante sobre o assunto:

O jogo de palavras *arummim/arum* que caracteriza a serpente em relação aos seres humanos também pode sugerir que, antes de ser amaldiçoada, a serpente era o animal que chegava mais perto (mais astuto que todos os animais) dos humanos (astutos) em termos de capacidade intelectual. (2023, p. 139; ver *Ibid.*, p. 117)²²

O autor bíblico facilmente poderia ter usado os vários significados da palavra para adicionar riqueza e camadas de significado ao texto. "Astuto' (*arum*) pode ser usado tanto de forma positiva quanto negativa, o que introduz ambiguidade nessa fase da história" (Mathews, 1996, v. 1A, p. 232; ver Hamilton, 1990, p. 187; Wenham, 1987, v. 1, p. 72; Gonzalez, 2019, p. 20)²³. As conotações negativas da palavra certamente se aplicam àquele que tomou a forma, ou possuiu²⁴ o animal, que é o próprio satanás (Doukhan, 2016, v. 1; Mathews, 1996, v. 1A), e as conotações positivas ao animal como foi criado por Deus (Prestes, 2023; Gonzalez, 2019). A palavra aqui poderia ser, assim, polissêmica, de forma que o autor usa vários significados para se referir tanto à serpente, o animal, quanto à serpente, Satanás.

A identidade da serpente, e sua caracterização, reforça o fato de que existe um aspecto mais profundo na narrativa, que transcende a mera questão local limitada ao planeta Terra.

²¹ "Also v. 25 as transitional anticipates the role of the serpent and associates the viper's trickery with the lost innocence of the first couple. The term 'naked' (pl. 'ārūmmîm) is a play on the word 'crafty' ('ārûm), which describes the nature of the serpent (3:1). As a result of the serpent's 'shrewdness,' our parents sinned and experienced the embarrassment of their 'nakedness' in the presence of God (3:7)." Ver também: "There is an obvious play on the two words ['ārûm and 'ārūmmîm]. The effect of such pun is both to drag the reader into the story by providing an immediate connecting link with the previous narrative and to provide a presage to the events and outcome of the subsequent story. The link provides an immediate clue to the potential relationship between the serpent's 'cunning' and the innocence implied in the 'nakedness' of the couple" (Sailhamer, 1990, v. 2, p. 49).

²² "The wordplay *arummim/arum* characterizing the serpent in relation to humans, may also suggest that prior to being cursed, the serpent was the animal that comes closest (cleverer than all animals) to humans (clever) in regards to intellectual ability."

²³ "Crafty" ('ārûm) can be spoken of approvingly or negatively, thereby introducing ambiguity at this stage in the story."

²⁴ "The serpent had not the power of speech, but Satan used him as a medium" (Doukhan, 2016, v. 1, p. 91).



Aqui encontramos um conflito maior: Deus confiou ao casal a tarefa de “cultivar e guardar” o jardim (ver Gn 2:15), o que implica que devem ‘defendê-lo’ desse intruso. A serpente é apresentada como um adversário considerável, e seus objetivos não são imediatamente evidentes.

PRIMEIRA FALA DA SERPENTE

Satanás começa sua fala direcionando-se a Eva, sem a presença de Adão. O “texto não indica explicitamente a localização de Adão, mas a imagem alude que Eva estava curiosa sobre a árvore proibida e andou até lá sozinha” (Moskala, 2018, p. 121)²⁵.

O que a serpente diz deve ser analisado com cuidado. Wenham (1987, v. 1, p. 72) comenta:

A caracterização explícita dos atores na história é rara na narrativa hebraica, então parece provável que, ao notar a astúcia da serpente, o narrador esteja sugerindo que seus comentários devem ser examinados muito cuidadosamente²⁶.

Satanás abre a conversa com a seguinte declaração: “É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?” (Gn 3:1). Pode-se perceber que Satanás falou algo semelhante ao que o próprio Deus tinha declarado, mas com leves modificações. O “opponente não contradiz diretamente a declaração do Senhor” (Mathews, 1996, v. 1A, p. 235), apresentando, em realidade, uma deturpação da ordem dada por Deus (ver Gn 2:16-17). De acordo com Doukhan:

A serpente não desafia a palavra de Deus nem argumenta contra ela. De fato, apresenta-se como expositor de Deus, dando a entender que Eva não o tinha compreendido bem. A serpente “disse”, da mesma forma que “Deus disse” [...]. A mesma forma verbal *wayyo'mer* “ele disse” é usada para ambos. A única diferença é que, quando Deus está falando, o sujeito divino é sempre mencionado: *wayyo'mer* (YHWH) *'Elohim* “Deus [YHWH] disse” (2016, v. 1, p. 91)²⁷.

²⁵ “The text does not explicitly give Adam’s location, but the imagery alludes that Eve was curious about the forbidden tree and walked there alone.”

²⁶ “Explicit characterization of actors in the story is rare in Hebrew narrative, so it seems likely that in noting the serpent’s shrewdness the narrator is hinting that his remarks should be examined very carefully.”

²⁷ “The serpent does not challenge the word of God nor argues against it. In fact, he presents himself as God’s expositor, implying that Eve had not understood Him well. The serpent ‘said,’ just as ‘God said’ [...]. The same verbal form *wayyo'mer* “he said” is used for both. The only difference is that when God is talking, the divine subject is always mentioned: *wayyo'mer* (YHWH) *'Elohim* “God [YHWH] said.”



A serpente usa uma sutileza ao descrever as palavras de Deus, a qual já foi antecipada com o uso da palavra *‘arum*. Ela inicia o diálogo com Eva com uma pergunta: “é assim que Deus disse [...]” (Gn 3:1). “Assim, Satanás abre seu discurso com Eva estabelecendo dúvidas sobre a palavra e a autoridade de Deus” (Moskala, 2018, p. 122)²⁸. Ela quer fazer Eva duvidar de algo, seja da própria interpretação ou da veracidade da instrução divina; diretamente ataca o caráter de Deus. Satanás tem também como objetivo

semear dúvidas no coração da mulher quanto à verdadeira fraseologia, o exato significado do mandamento divino e, especialmente, com respeito à lógica e à *justiça* de um mandamento deste tipo” (Dorneles, 2011, v. 1, p. 213, grifo nosso).

A serpente está aqui para debater com Eva, e começa sua fala mostrando que Deus é o objeto de sua argumentação, e Eva deve escolher participar desse debate ou não.

Tonstad comenta:

A frase inicial estabelece o tom e a direção para o aspecto substantivo da declaração que a acompanha, cujo teor deixa pouca margem para ambiguidade: “Teria Deus realmente dito: ‘Não comerás de nenhuma árvore do jardim?’” (2005, p. 160)²⁹.

A intenção dessas primeiras palavras é clara: colocar em dúvida a fala divina, levando Eva a questionar se Deus realmente disse o que parecia ter dito. Completando a declaração, “Não comereis de toda árvore do jardim?” (Gn 3:1), a serpente faz algumas modificações à fala divina (2:16-17):

a serpente reestrutura o mandamento de Deus levemente (1) acrescentando a negativa “não” no início da frase [...] (2) omitindo o empático “livremente”; (3) usando o plural “vós” (ignorando assim o homem) em vez do singular como em 2:16; e (4) colocando a cláusula “de qualquer árvore” no fim da frase em vez de no início, como em 2:16, roubando assim da ordem de Deus a sua nuance de liberalidade (Mathews, 1996, v. 1A, p. 235)³⁰.

²⁸ “Satan thus opens his discourse with Eve by establishing doubt regarding Gods word and authority.”

²⁹ “The opening phrase sets the tone and direction for the substantive element of the accompanying statement, the thrust of which leaves little room for ambiguity, “Has God really said, ‘You shall not eat of any tree of the garden?’”

³⁰ “... the serpent reworks the wording of God’s command slightly by (1) adding the negative ‘not’ at the head of the clause, which with ‘any’ expresses an absolute prohibition; (2) omitting the emphatic ‘freely’; (3) using the



A serpente redireciona o foco da amplitude de escolhas disponíveis, da generosidade divina que estava implícita no comando original, à restrição (Doukhan, 2016, v. 1). Ao colocar a frase dentro de uma construção negativa, faz o comando “parecer estreito e restritivo” (Prestes, 2023, p. 144)³¹; fazendo Deus parecer um ser egoísta. “O Deus de Graça agora tornou-se o rígido Deus de opressão” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 91; ver Hamilton, 1990, p. 189)³², novamente fazendo um ataque ao caráter de Deus. Perceba que, “até que a opinião oposta apareça [...], Yahweh Elohim se apresenta como um Deus provedor e não como um Deus que proíbe” (Tonstad, 2016, p. 88).³³

Deus já havia providenciado tudo o que o casal precisava, o que é evidenciado pelo próprio nome do local onde estavam. Quando o narrador fala do Éden (אֵדֶן/ ‘ēḏen), essa palavra traz consigo o significado de “delícias” para um leitor/ouvinte familiar com a linguagem hebraica (Mathews, 1996, v. 1A). Sem o “auxílio” da serpente, Eva nunca teria considerado Deus um “proibidor”.

Jamieson, Fausset e Brown fazem o seguinte comentário sobre o objetivo da serpente nessa primeira fala:

É verdade que Ele vos impediu de usufruir dos frutos deste lugar encantador? Isto não é típico de alguém tão bom e amável. Certamente há algum engano. Ele insinuou uma dúvida quanto ao sentido da vontade divina [...], oferecendo-se para a conduzir à verdadeira interpretação (1871, p. 19)³⁴.

Nesse ponto a serpente exagera, referindo-se a todas as árvores, mas vemos que ela estava preparando o terreno para a tentação que viria mais tarde. Ao fazer Eva pensar sobre um deus injusto que não a deixava comer de nenhuma árvore, a serpente torna a possibilidade de um deus injusto, que a privava de uma só árvore, muito mais provável e plausível.

plural ‘you’ (hence bypassing the man) rather than the singular as in 2:16; and (4) placing the clause ‘from any tree’ at the end of the sentence rather than at the head as in 2:16, thereby robbing God’s command of its nuance of liberality.”

³¹ “... the serpent does not focus on the broad spectrum of choices, but rather presents the arrangement in a negative construction (“You shall not eat of any tree in the garden” [...] Gen 3:1) making it appear narrow and restrictive.”

³² “The God of grace has now become the hard God of oppression.”

³³ “Until the opposing opinion appears [...], Yahweh Elohim comes across as a God who provides and not as a God who prohibits.”

³⁴ “Is it true that He has restricted you in using the fruits of this delightful place? This is not like one so good and kind. Surely there is some mistake. He insinuated a doubt as to her sense of the divine will [...] offering to lead her to the true interpretation.”



Apresentando um extremo (Deus é tão injusto que você não pode comer de nenhuma árvore) para tornar imaginável o que antes era inimaginável (Deus é injusto, pois ele não te deixa comer de uma única árvore).

Em sua primeira fala, a serpente também utiliza o nome *'Elohim* (אֱלֹהִים), o qual foi utilizado no relato de Gn 1, em vez de *YHWH 'Elohim* (יְהוָה אֱלֹהִים), utilizado em Gn 2, e que é também usado pelo narrador no restante de Gn 3. De acordo com Doukhan (2016, v. 1):

Além disso, enquanto o primeiro relato da criação apresenta Deus como o Deus transcendente, com o nome de *'Elohim*, no segundo relato da criação Ele é apresentado como um Deus pessoal em estreita relação com os seres humanos, com o nome de *YHWH 'Elohim* (p. 72; ver p. 49 & 92; Davidson, 2009, p. 12-13).³⁵

A serpente estava apresentando Deus como o Deus transcendente e distante de Gn 1, e não como o Deus pessoal que andava com eles no jardim e os formou com suas próprias mãos. “O deus sobre o qual estão falando é maligno, secreto e preocupado em restringir o homem; seu caráter é tão diferente do de Yahweh Elohim que a narrativa evita expressamente o nome no diálogo de 3:1-5” (Wenham, 1987, v. 1, p. 57).

Outra coisa que se pode perceber é que “o texto de Gn 3:1 não se trata, sobretudo, de uma deturpação grosseira, mas de uma incompreensão implícita das palavras de YHWH-Elohim; como também, do comando [de Deus]” (Gonzalez, 2019, p. 27)³⁶.

A serpente modificou a declaração divina e abordou Eva “como alguém aparentemente chocado com o fato de que YHWH-Elohim fosse tão severo a ponto de privar Adão e Eva de comerem de todas as árvores do jardim” (Gonzalez, 2019, p. 27)³⁷. Ela estava apresentando um deus completamente diferente do Deus conhecido por Adão e por Eva: um deus apático, que se importa pouco com a humanidade e que possui traços egoístas e egocêntricos. Alguém que os privaria das delícias disponíveis no jardim.

³⁵ “Also, while the first creation story presents God as the transcendent God, with the name of *'Elohim*, in the second creation story He is presented as a personal God in close relationship with humans, with the name of *YHWH 'Elohim*.”

³⁶ “... that the text of Gen 3:1 speaks not primarily of gross distortion but of an implied misunderstanding of *YHWH-Elohim's* words; moreover, command.”

³⁷ “... as one seemingly shocked that *YHWH-Elohim* would be so harsh and deprive Adam and Eve from eating of every tree of the garden.”



O objetivo de Satanás era mais do que um simples convite para o diálogo. Ele queria fazer mais do que criar dúvidas. [...] Satanás só poderia ter sucesso na sua intriga quando conseguisse criar uma imagem distorcida de Deus! Assim, o seu principal objetivo era pintar uma imagem falsa de Deus, sugerir uma impressão errada do Seu carácter e intenções, e assim impregnar a mente de Eva com pensamentos errados sobre Deus. [...] Assim, Satanás sabia onde atacar primeiro: contra o carácter de amor de Deus (Moskala, 2018, p. 122-123).

A serpente constrói sua argumentação em torno de Deus, distorcendo seu carácter por meio de um ataque indireto. Olhando para o contexto bíblico, pode-se entender com mais clareza as intenções de Satanás ao tentar o casal: ele estava em conflito com o Criador do casal e tentando atacá-lo, trazendo dois dos representantes da Divindade para o seu lado; similarmente ao modo com que usou Jó para tentar provar seu posicionamento (ver Davidson, 2009) e domínio sobre a Terra. Isso aponta para a centralidade de Deus nessa passagem.

A RESPOSTA DE EVA

Seguindo a narrativa: “Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais” (Gn 3:2-3). Estes são alguns pontos importantes dessa resposta: 1) Ela tenta corrigir a serpente (Walsh, 1977) pois “parece que a serpente tinha ouvido tudo de forma totalmente diferente!” (Mathews, 1996, v. 1A, p. 235)³⁸, demonstrando que não identifica as intenções malignas do tentador. 2) Ela concorda com a perspectiva restrita. 3) Ela concorda com a imagem distante de Deus apresentada pela serpente.

Ao escolher conversar com a serpente, a mulher comete o seu primeiro erro (Mathews, 1996, v. 1A, p. 235), caindo em sua armadilha (ver Gn 39:12). “Em vez de abandonar a conversa” (a única reação correta) (Moskala, 2018, p. 123)³⁹, ela a responde. Aqui é perceptível que Eva não identifica de imediato o perigo em que se encontra. Isso fica ainda mais evidente quando se analisa sua resposta. Primeiramente, ela tenta defender a Deus (Moskala, 2018) e corrigir a serpente. Mas, ao corrigir a serpente, percebemos o seguinte:

³⁸ “It would seem that the serpent had heard it all differently!”

³⁹ “... instead of abandoning the conversation (the only proper reaction; see Gen. 39:12).”



Quando a mulher corrige a versão do mandamento de Deus apresentada pela serpente, ela formula sua correção de maneira compassiva, considerando a serpente como mal-informada, em vez de intencionalmente distorcendo a verdade. Além disso, o sucesso da serpente em obter a aceitação de sua premissa é ainda mais evidente quando a mulher, por conta própria, acrescenta um elemento de severidade que não estava presente no mandamento original (Tonstad, 2005, p. 163)⁴⁰.

Apesar de reproduzir a fala de Deus com mais exatidão do que a serpente (Doukhan, 2016, v. 1), Eva também modifica a fala divina. Ela “restringe as amplas opções disponíveis, deixando de mencionar em 3:2 o qualificador מִכֹּל /*mikkol* (‘de toda’ originalmente presente em 2:16: ‘De toda árvore do jardim comerás livremente’; ênfase adicionada)” (Prestes, 2023, p. 158)⁴¹. Assim, Eva concorda com a serpente, ao focar na limitação em vez de na liberdade, mesmo não indo ao extremo que a serpente atingiu.

Ela também toma a restrição dada por Deus e a torna ainda mais restrita: “Dele não comereis, *nem tocareis nele*” (Gn 3:3, grifo nosso). Eva adiciona que não podem tocar no fruto (Mathews, 1996, v. 1A), demonstrando novamente que mesmo sem querer, sua ideia de quem Deus já está deturpada.

A mulher foca-se na localização da árvore do bem e do mal em vez de em suas características e função (Moskala, 2018). Ela se refere à árvore como a “árvore que está no meio do jardim” (Gn 3:3) enquanto Deus se referiu a essa árvore como a “árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2:17). “Para ela, a árvore proibida tornou-se a árvore mais importante, o centro e o foco da sua atenção” (Moskala, 2018, p. 124)⁴² a ponto de que ela esquece ou escolhe ignorar, as conotações negativas que acompanham a árvore.

Ainda, ao retirar o elemento que identifica a árvore do conhecimento do bem e do mal, torna-a “indiferenciada da outra árvore no meio do jardim, a árvore da vida” (Prestes, 2023, p. 158)⁴³. Por fim, ela

⁴⁰ “When the woman corrects the serpent’s version of God’s command, she phrases her correction sympathetically, finding the serpent to be ill informed rather than wilfully distorting. Moreover, the serpent’s success in winning acceptance for his premise is further evident when the woman of her own adds an element of severity not found in the original command.”

⁴¹ “... narrows the wide options at her disposal by failing to mention in 3:2 the qualifier מִכֹּל /*mikkol* (“of Every” originally present in 2:16: “You may surely eat *of every* tree of the Garden”; emphasis added).”

⁴² “For her, this forbidden tree has become the most important tree, the center and focus of her attention.”

⁴³ “... thus making it undifferentiated from the other tree in the midst of the garden—the tree of life.”



minimiza [... o] mandamento ao afirmar simplesmente: 'Você morrerá', omitindo a palavra enfática crucial 'certamente'. Isso é um sinal textual de que Eva começou a questionar a certeza da morte após a desobediência" (Moskala, 2018, p. 124; ver Mathews, 1996, v. 1A, p. 236; Humphreys, 2001, p. 45)⁴⁴.

Ela apresenta o fato de que morrerão como uma reflexão tardia, falando simplesmente "para que não morrais", diferente da ênfase dada por Deus a essa consequência, de que "certamente" morreriam. Na defesa de Eva, ela possivelmente estava aliviando o resultado da consequência, tentando combater a alegação de um Deus injusto e restritivo. Isso também pode demonstrar uma dificuldade em entender a gravidade de comer o fruto. Assim, "embora transmitindo o sentido do mandamento, suas alterações, mesmo em defesa adicional dele, abrem a porta para a sua quebra" (Humphreys, 2001, p. 44)⁴⁵.

Também é importante notar na fala de Eva que ela "atua como porta-voz em nome de seu marido" (Hamilton, 1990, p. 188; ver Prestes, 2023, p. 157)⁴⁶. Na língua original, percebemos que Eva sempre fala no plural, falando com autoridade em nome do marido. Enquanto Deus se refere a Adão na segunda pessoa do singular (אֲדָמָה/ 'attā), Eva utiliza a segunda pessoa do plural ao repetir a instrução divina.

Isso mostra que Eva compreendia a unidade entre ela e seu marido. Contudo, a serpente eleva o ego de Eva, fazendo-a se sentir confiante em suas próprias habilidades em vez de recorrer ao marido ou ao próprio Deus. Como consequência, mesmo achando que a conclusão parte de si mesma, Eva confia na serpente para pensar em seu lugar. Ela deveria ter percebido que, como אֵזֶר / 'ēzer de Adão, sua "ajudadora", "salvadora", mesmo não sendo inferior, deveria consultá-lo antes de tomar uma decisão.

Sobre o diálogo de forma geral, Trible comenta:

A serpente e a mulher discutem teologia. Elas falam sobre Deus. Nunca se referindo à divindade pelo nome sagrado Yahweh, mas apenas usando a designação geral "Deus", elas estabelecem essa distância que caracteriza a objetividade e convida à desobediência (Trible, 1978, p. 109)⁴⁷.

⁴⁴ "She downplays this command by stating simply: 'You will die,' omitting the crucial emphatic word 'surely.' This is a textual signal that Eve began to question the certainty of death after disobedience."

⁴⁵ "While conveying the sense of the command, her alterations, even in further defense of it, open the door to breaking it."

⁴⁶ "... acts as spokeswoman on behalf of her husband."

⁴⁷ "The serpent and the woman discuss theology. They talk about God. Never referring to the deity by the sacred name Yahweh, but only using they general appellation God, they establish that distance which characterizes objectivity and invites disobedience."



Percebe-se que Eva dialoga com a serpente usando a mesma terminologia desta, referenciando a Deus como *'Elohim*, e não como *YHWH 'Elohim*, o que demonstra que “sem perceber, ela já adotou a teologia da serpente” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 91)⁴⁸. Aqui, percebe-se que “sua atenção ao relatar exatamente as palavras divinas é suspeita; isso esconde sua preocupação e insegurança em relação ao mandamento de Deus e mostra que seu relacionamento com Deus já foi afetado” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 91)⁴⁹. “Não usar o nome Yahweh pode sugerir uma perspectiva de certo distanciamento ou afastamento” (Humphreys, 2001, p. 44)⁵⁰. Ou seja, antes mesmo de se aproximar da árvore, Eva já estava com uma visão deturpada do seu Criador.

Segundo Brueggemann. “Deus é tratado como uma terceira pessoa. Deus não é parte da discussão, mas é o objeto envolvido na discussão. Isso não é um diálogo para Deus ou com Deus, mas sobre Deus. Deus foi objetificado” (1982, p. 48)⁵¹. Eva deixa a serpente apresentar uma reinterpretação das ordens divinas, mas esquece que aquele sobre quem falavam não era apenas *'Elohim*, mas sim *YHWH 'Elohim*, o Deus pessoal e acessível que andava com eles no jardim (ver 3:8). No único lugar da narrativa onde Deus não está presencialmente (Gn 3:1-6), ele é o sujeito sendo discutido. Mesmo ausente, a história gira em torno dele.

SEGUNDA FALA DA SERPENTE

Ao perceber as inconformidades na resposta de Eva, bem como sua abertura para uma nova visão do ser de Deus, a serpente intensifica suas acusações. “Percebendo isso, tornou-se mais audaciosa em suas afirmações” (Jamieson; Fausset; Brown, 1871, p. 19)⁵². A serpente recomeça sua fala com uma declaração diretamente contrária ao mandamento divino:

pela primeira vez, a serpente se revela e fala diretamente à mulher, não mais usando alusões ou perguntas diplomáticas. Anteriormente, a serpente parecia até mesmo respeitar as palavras de Deus; simplesmente comentava sobre elas e fornecia à mulher a

⁴⁸ “Without knowing it, she has already adopted the theology of the serpent.”

⁴⁹ “... her care in reporting the *exact* report of the divine words is suspect; it hides her worry and insecurity concerning God’s commandment and shows that her relationship with God has already been affected.”

⁵⁰ “Failing to use the name Yahweh might suggest a perspective of some detachment or distance.”

⁵¹ “God is treated as a third person. God is not a party to the discussion but is the involved object of the discussion. This is not speech *to* God or *with* God, but *about* God. God has been objectified.”

⁵² “... perceiving this, became bolder in his assertions.”



“interpretação correta”. Agora, pela primeira vez, a serpente contradiz Deus e nega Suas palavras (Doukhan, 2016, v. 1, p. 91)⁵³.

Em vez de modificar e transformar a mensagem divina, a serpente ousadamente a contradiz. “A declaração da serpente em 3:4 transforma a oposição sutil em 3:1 em um conflito aberto” (Prestes, 2023, p. 145)⁵⁴. Ela revela suas intenções, de forma que “as flechas de sua declaração vão além dela [Eva], sendo direcionadas diretamente a Deus e formuladas com a audaciosa implicação de que Deus é um mentiroso” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 91)⁵⁵. A serpente tenta deteriorar ainda mais a ideia que Eva tinha de quem Deus é.

Além de negar a consequência declarada por Deus, adiciona uma consequência alternativa, dizendo que “Porque Deus sabe que no dia em que dele [do fruto] comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.” A serpente promete um estado superior, em que conseguiriam mais conhecimento.

É importante notar que a serpente promete que eles seriam como Deus, algo que eles já eram, uma vez que foram criados à imagem e semelhança de Deus (ver Gn 1:26, 27). Prestes apresenta uma perspectiva interessante:

Finalmente, a serpente qualifica ser como Deus de maneira diferente do que o narrador descreveu até agora. Para a serpente, ser como Deus é “conhecer o bem e o mal”, que a serpente qualifica como participar da árvore proibida (3:5). Para o narrador, por outro lado, o conhecimento do “bem e do mal” pelo SENHOR Deus na narrativa se manifesta em não participar dele (daí a proibição “não comerás... dela” em 2:17). Ou seja, o conhecimento do SENHOR Deus do bem e do mal se refere ao discernimento para evitar o mal (conhecimento proibido) e não torná-lo parte de sua vida. Por essa razão, o SENHOR Deus diz aos humanos para não participarem disso, para que possam permanecer como Ele (2023, p. 147-148)⁵⁶.

⁵³ “... for the first time, the serpent unmasks himself and speaks directly to the woman, no longer using allusions or diplomatic questions. Previously, the serpent had seemed to even respect God’s words; he simply commented on them and provided her with the ‘right interpretation.’ Now, for the first time, the serpent contradicts God and negates His words.”

⁵⁴ “The serpent’s statement in 3:4 develops the subtle opposition in 3:1 into open conflict.”

⁵⁵ “... the arrows of his statement go beyond her [Eve], being aimed directly at God and couched with the brazen implication that God is a liar.”

⁵⁶ “Finally, the serpent qualifies being like God differently from what the narrator has described so far. For the serpent, being like God is ‘knowing good and evil’ which the serpent qualifies as partaking of the prohibited tree (3:5). For the narrator, on the other hand, the LORD God’s knowledge of ‘good and evil’ in the account is manifested in not partaking in it (thus the prohibition ‘you shall not eat ... of it’ in 2:17). That is, the LORD God’s



Em outras palavras, a serpente estava prometendo à mulher uma maneira de se tornar mais semelhante a Deus, enquanto, ao seguir o conselho da serpente, ela de fato se distanciaria desse ideal. Eva já era como Deus, ela já sabia o que era bom (seguir a Deus) e o que era mal (desobedecer a Deus/comer do fruto). A serpente está apresentando uma cosmovisão diferente da qual Eva tinha conhecido até então.

O ataque (3:4) à lei do SENHOR Deus (2:16-17) caracteriza a serpente como um usurpador, agindo efetivamente como um legislador concorrente. Ao falar dessa maneira, a serpente reivindica um status divino e autoridade concorrentes” (Prestes, 2023, p. 145-146)⁵⁷.

Ela se apresenta como uma alternativa a Deus, ao mesmo tempo em que apresenta Deus “como uma divindade ciumenta, egoísta, egocêntrica e autocontida, que manteve o bem supremo apenas para Si mesmo” (Moskala, 2018, p. 125)⁵⁸. A “briga” da serpente não é diretamente com o casal, e seu objetivo não é somente derrubar o casal de seu estado perfeito, mas “Sua disputa é com seu Criador, e o casal é apenas o meio para perseguir tal disputa” (Trible, 1978, p. 111)⁵⁹.

O fato de que a serpente estava envolvendo o ser humano como um meio de atingir o Criador deixa ainda mais claro que o texto não tem como personagem principal o ser humano, o qual é apresentado como secundário e se envolve em um conflito que já existia.

A ESCOLHA DO CASAL

As informações provenientes da serpente e de Deus são contraditórias e Eva deve escolher quem é a fonte de informação mais confiável. A “afirmação da serpente a confrontou com uma escolha epistêmica: acreditar em Deus ou aceitar a difamação insidiosa feita pela serpente sobre o caráter divino. Ou a serpente ou Deus estava mentindo” (Peckham, 2022, p. 128-129).

Prestes comenta:

knowledge of good and evil refers to the discernment to avoid evil (forbidden knowledge) and not make it part of one’s life. For this reason, the LORD God tells humans to not partake of it, so that they may remain like him.”

⁵⁷ “Moreover, the attack (3:4) on the LORD God’s law (2:16–17) characterizes the serpent as a usurper—effectively acting as a competing legislator. By speaking in such a way, the serpent claims a competing divine status and authority.”

⁵⁸ “... as a jealous, selfish, self-centered, and self-contained Deity, who retained ultimate good only for Himself.”

⁵⁹ “... his quarrel is with his Creator, and the couple are but the means for pursuing it.”



O conflito expresso nas palavras da serpente em 3:4-5 é essencialmente de *natureza epistemológica*, confrontando a família humana (ver 3:6) com questões monumentais, como: quem é o verdadeiro e confiável professor da raça humana? E quem é o verdadeiro mestre do reino humano? (2023, p. 149, grifo nosso)⁶⁰.

A decisão de Eva é uma forma de demonstrar a quem ela vai jurar lealdade (e posteriormente seu marido vai seguir sua escolha). “Pode-se concluir que a principal questão que confronta a família humana em Gênesis 3:1-6 é: em que voz os humanos devem confiar?” (Prestes, 2023, p. 150)⁶¹.

A serpente lança acusações contra o caráter de Deus, apresentando intenções falsas para as ações dele, e se apresenta como uma alternativa para o casal⁶². O antagonista promete que se o par confiar nele, eles atingiriam um estado de conhecimento mais elevado. Mas, ao assim procederem, os dois estariam demonstrando que não confiavam em Deus, e que, em vez disso, preferiam confiar na serpente. Em suma, estariam declarando que preferem seguir a serpente a seguir a Deus.

A desobediência de Adão a Deus foi o resultado da incredulidade e da ingratidão, e o levou a tomar sua posição ao lado do grande apóstata, dando crédito às afirmações de Satanás em vez da palavra de Deus (White, 1894, par. 1, grifo nosso)⁶³.

Em Gn 3:6 vemos que Eva examina os pontos apresentados pela serpente e por Deus e decide preencher uma função que até esse ponto da narrativa fora exercida apenas por Deus: declarou que a árvore era boa (Doukhan, 2016, v. 1, p. 93; Mathews, 1996, v. 1A, p. 238). Essa declaração também contém uma “*double entendre* [...]”: o termo para ‘bom’ (*tov/ טוֹב*) pode significar belo e também o que é moral” (Mathews, 1996, v. 1A, p. 238, grifo nosso)⁶⁴.

Percebe-se um eco de Gn 2:9 (ver Tribble, 1978, p. 112), onde a mesma palavra que aqui é traduzida como “bom” (*tov*) aparece. Em Gn 2, Deus estabelece quais árvores são boas (*tov*) para alimento e depois introduz a árvore do conhecimento do bem (*tov*) e do mal. Há uma

⁶⁰ “... the conflict expressed in the serpent’s words in 3:4–5 is an epistemological one that confronts the human family (see 3:6) with monumental questions such as: who is the true and reliable teacher of the human race? And who is the true ruler of the human kingdom?”

⁶¹ “... one can conclude that the main issue that confronts the human family in Genesis 3:1–6 is: whose voice are humans to trust?”

⁶² “The snake as the false prophet introduces an alternative way of knowledge” (Emmrich, 2001, p. 16).

⁶³ “Adam’s disobedience to God was the result of unbelief and ingratitude, and led him to take his position on the side of the great apostate, in giving credence to Satan’s statements rather than to the word of God.”

⁶⁴ “... double entendre [...]: the term for “good” (*ṭôb*) can mean beautiful and also what is moral.”



clara separação das duas. Mas Eva, ao olhar para o fruto, reclassifica a árvore junto com as outras árvores comestíveis (Wenham, 1987, v. 1).

Ela toma o que Deus separou como incorreto e o move para a classificação do correto. Ao mesmo tempo, ela ignora que a árvore não é somente para o conhecimento do bem (*tov*) mas que também serve para o conhecimento do mal. conseqüentemente, declara, de maneira implícita, que a árvore é somente *tov*, tomando o lugar do Divino ao definir o que é moral. Novamente, a questão em jogo gira ao redor da autoridade e do caráter de Deus.

A mulher, então, come o fruto, cometendo “um ato visível de desobediência. Quando um relacionamento amoroso é quebrado, a palavra/lei de Deus é quebrada” (Moskala, 2018, p. 126)⁶⁵. Ao comer do fruto, sua intimidade com Deus desapareceu e sua inocência se foi.

As insinuações de Satanás contra as reivindicações de Deus e Seu caráter foram aceitas por Eva. Ela foi enganada a ponto de duvidar da palavra e do caráter de Deus, o que abriu as comportas de aflição para o mundo inteiro (Ojewole, 2002, p. 388-389)⁶⁶.

Na seqüência, ela apresenta o fruto a seu marido, que também o come, colocando a autoridade de Eva acima da autoridade de Deus (ver Doukhan, 2016, v. 1, p. 106). A progressão do enredo até Gn 3:6 é interessante:

1. Deus se estabelece como o Rei do jardim/universo;
2. Satanás convence Eva de que ela deveria tomar o lugar de Deus;
3. Ao tentar tomar o lugar de Deus, a mulher se submete à autoridade da serpente, colocando-a nessa posição.

Assim, fica evidente que a ênfase da narrativa é se Eva confia em Deus ou em outra entidade. Existe certo foco na humanidade, mas a ênfase maior e o foco principal da narrativa estão em Deus como o Criador do ser humano, no relacionamento de Deus com o casal e em como a serpente e o casal se relacionam com a autoridade de Deus.

GÊNESIS 3:7-13

Após comer do fruto, o casal imediatamente começa a sentir os efeitos da desobediência. “Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si” (Gn 3:7).

⁶⁵ “... a visible act of disobedience. When a loving relationship is broken, the word/law of God is broken.”

⁶⁶ “Satan’s insinuations against God’s claims and His character were accepted by Eve. She was deceived into doubting Gods word and character, which opened the floodgates of woe for the whole world.”



As promessas da serpente aqui se realizam e eles atingem um novo nível de iluminação. Em contraste com o que esperavam, não se encontraram com um novo conhecimento que lhes desse atributos divinos, “sua percepção é um tanto decepcionante: – Eles perceberam que estavam nus” (Wenham, 1987, v. 1, p. 76).⁶⁷

Aqui vemos um eco do verso 25 do capítulo anterior, contendo a “mesma associação de palavras que em Gênesis 2:25, [...] *ambos e nus*” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 93, grifo nosso)⁶⁸. O narrador tinha descrito Adão e Eva como estando “nus, mas não se envergonhavam”, demonstrando, como já explorado, seu estado de inocência e conexão com Deus. Mas, em Gn 3:7, o narrador novamente declara que eles estão nus, acrescentando apenas que estão cientes de seu estado de nudez e que estão envergonhados com esse estado. Se antes estavam “em um estado que ‘ainda não foi’ afetado pelo pecado” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 86)⁶⁹, agora estão sob seus efeitos.

Após perceberem seu novo estado de pecado, o casal busca uma solução: “costuraram folhas de figueira e fizeram cintas para si” (3:7). Esse ato é uma tentativa de aplicar uma solução humana a um problema que requer uma solução divina. O casal continua o trabalho iniciado por Eva, colocando-se no lugar de Deus (Doukhan, 2016, v. 1).

O fato de que o casal continua tendo vergonha de sua nudez depois de obter vestes improvisadas reforça que a nudez não representa somente uma ausência de roupas, mas também demonstra que a natureza do casal estava corrompida. Eles percebem “o seu desamparo, insegurança e vulnerabilidade” (Trible, 1978, p. 114)⁷⁰ devido à quebra do relacionamento entre eles e Deus (Moskala, 2018).

Na sequência da narrativa, Deus volta à cena: “Ao ouvirem a voz do Senhor Deus, que andava no jardim quando soprava o vento suave da tarde, o homem e sua mulher se esconderam da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim” (Gn 3:8). Ele é reintroduzido como um personagem presente e ativo na narrativa, e a partir desse ponto tem controle total sobre o enredo.

O narrador volta a usar a denominação *YHWH 'Elohim*. Ao fazer isto, ele “insinua que Deus ainda pode ser o companheiro de aliança com o homem” (Wenham, 1987, v. 1, p. 76)⁷¹.

⁶⁷ “... their vision is somewhat of a letdown: —They realized they were nude.”

⁶⁸ “... the same association of words as in Genesis 2:25, [...] both of them and naked.”

⁶⁹ “They are in a state that has “not yet been” affected by sin.”

⁷⁰ “... their helplessness, insecurity, and defenselessness.”

⁷¹ “... the narrator hints that God can still be man’s covenant partner.”



Uma vez que a humanidade rejeitou a Deus, ele poderia executar a sentença prometida imediatamente, mas é novamente apresentado como foi antes da queda, agindo ainda como um Deus cuidador.

A conjugação do verbo “andar” (*halakh/הלך*), na forma *hithpael* utilizada, indica “descontração, repetição e duração” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 95)⁷², demonstrando que não é uma ação fora do ordinário para Deus, e que ele está se aproximando do casal do mesmo modo que costumava anteriormente (ver Wenham, 1987, v. 1, p. 76). O mesmo verbo (*halakh*) é usado em Gênesis 5:22 e 6:9, também no *hithpael*. Nesses versos, *halakh* é utilizado para demonstrar a intimidade do relacionamento entre Enoque/Noé e Deus. Esse uso de *halakh* sugere que Deus costumava andar com o casal, mas extraordinariamente agora em 3:8 Deus está andando só.

Essa escolha de palavras (tanto do verbo *andar* quanto da utilização de *Senhor Deus*) parece intencional e lembra o leitor do verdadeiro caráter de YHWH, em contraste com as alegações da serpente. Adão e Eva, ao ouvirem a voz de Deus, “se esconderam da presença do Senhor Deus” (3:8). Eles “são retratados na narrativa como crianças escondendo-se em vergonha e medo do pai” (Mathews, 1996, v. 1A, p. 240)⁷³, mas seu pai continua disponível para os acolher. Deus não vem com o objetivo de punir seus filhos, ao contrário, procura voltar a se relacionar com eles. Fato é que Deus toma a iniciativa de se aproximar do casal.

Os versos 9-13 desenvolvem a iniciativa divina de reestabelecer um relacionamento com a humanidade (Prestes, 2023; Doukhan, 2016, v. 1; Wenham, 1987, v. 1); Deus é apresentado como “um pai amoroso que procura seus próprios filhos” (Mathews, 1996, v. 1A, p. 240)⁷⁴.

Durante o diálogo entre Deus, o homem e a mulher, percebemos que YHWH faz uma série de perguntas, primeiramente ao homem, e depois à mulher. Doukhan (2016, v. 1) comenta que Deus está interrogando o casal para que percebam seus erros e para os preparar para o juízo que há de vir, com o objetivo de os levar ao arrependimento. Interessantemente, antes de o casal chegar a essa conclusão, vemos suas confissões (Wenham, 1987, v. 1), mas

⁷² “... relaxation, repetition and duration.”

⁷³ “They are [now] pictured in the narrative like children hiding in fearful shame from their father.”

⁷⁴ “... a gentle father seeking out his own.”



também sua recusa de tomar responsabilidade por suas ações, e “em suma, [ambos] culpam o Senhor Deus” (Prestes, 2023, p. 190)⁷⁵.

O homem responde à primeira pergunta de Deus, indicando que se escondeu por causa de sua nudez. Essa explicação é dita de modo que coloca a culpa em Deus, por causa da forma como Deus o criou (Doukhan, 2016, v. 1). Deus então pergunta ao homem: “Quem te fez saber que estavas nu?” (3:11), conectando novamente o estado de nudez ao estado pecaminoso/impuro (Prestes, 2023; Mathews, 1996, v. 1A). Como resposta, Adão desvia a culpa para sua mulher e, ao dizer “que tu me deste” (Gn 3:12), a culpa é novamente desviada para Deus (Mathews, 1996, v. 1A; Wenham, 1987, v. 1). Deus então questiona Eva, e ela também tenta se inocentar, desviando a culpa para a serpente, a qual Deus criou.

A influência da serpente sobre o casal é evidente, pois ele agora apresenta a Deus como a fonte de seus problemas e a causa de sua queda. O que antes era uma fonte de alegria, se torna uma fonte de angústia (Mathews, 1996, v. 1A). A serpente cumpriu seus objetivos apresentados nos versos 1-5: não somente levou o casal a comer do fruto, mas também deturpou suas cosmovisões, abalando a perspectiva que tinham sobre Deus e, conseqüentemente, o relacionamento entre eles.

Novamente, tudo aponta para Deus. O casal reconhece sua culpa, mas diz que a causa é Deus. YHWH não somente controla o enredo, mas a temática discutida gira em torno dele e de Sua lei. Ele é tanto o organizador do diálogo quanto o objeto discutido.

GÊNESIS 3:14-24

A transição do verso 13 para o 14 é um local interessante na narrativa. Aqui há um contexto de “desesperança cósmica” (Doukhan, 2015, p. 12)⁷⁶. O relacionamento entre Deus e o casal está em ruínas e a união entre o homem e a mulher está em um estado similar (Wenham, 1987, v. 1). Além disso, o casal está esperando o julgamento final (Doukhan, 2015), que os condenaria à morte (ver Gn 2:17).

Após a resposta de Eva, Deus vira suas atenções para a serpente. A fala de Deus contra a serpente compõe dois versos, começando com o verso 14. Ele quebra o ritmo estabelecido até aqui e não pergunta nada à serpente nem oferece espaço para ela se defender, mas

⁷⁵ “... ultimately blames the Lord God.”

⁷⁶ “... cosmic hopelessness.”



imediatamente declara uma maldição sobre ela. Isso indica que suas ações “não têm justificativa” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 98; ver Tribble, 1978, p. 123)⁷⁷.

Com a maldição de Deus, o estado da serpente relativamente ao restante dos animais é revertido; “de superior a todos os animais (ver 3:1), ela se torna a inferior de todos” (Prestes, 2023, p. 153; ver Mathews, 1996, v. 1A, p. 242)⁷⁸. A serpente é condenada a rastejar sobre seu ventre e comer do pó da terra, expressão que se refere em outros lugares à humilhação (Mathews, 1996, v. 1A) e derrota por inimigos⁷⁹ (Doukhan, 2007). Essa linguagem demonstra as consequências imediatas sobre a serpente animal, mas também comenta sobre a serpente Satanás, indicando sua futura derrota, ponto que é reforçado no verso seguinte.

SEMENTE DA SERPENTE E MULHER

Deus continua: “E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3:15, ARC). Nesse verso encontramos a primeira promessa messiânica, também conhecida como *protoevangelium* (Davidson, 2015, p. 75), pois é o protótipo do evangelho (Mathews, 1996, v. 1A). Há dois elementos que devem ser examinados nesse verso para uma compreensão adequada: o que quer dizer “porei inimizade entre ti e a mulher”, e quem é a/o(s) semente/descendente(cia/s) da mulher.

A declaração de inimizade não faz muito sentido dentro da narrativa presente, pois, como demonstrado, Adão e Eva tinham se juntado à serpente em rebelião contra Deus. Tinham decidido confiar na serpente em vez de em Deus e estavam sendo julgados por Deus, junto com a serpente. Davidson comenta: “A inimizade descrita no v. 15 não é um ódio natural. [...] Eles [Adão e Eva] tinham se vendido à serpente, e seus corações se tornaram depravados e inclinados para o mal, assim como a serpente” (2009, p. 14)⁸⁰.

A origem da inimizade é, assim, divina: é “Deus quem põe inimizade” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 100)⁸¹. Tal inimizade age sobre a serpente e a mulher, e a descendência de ambas. Enquanto alguns interpretam isso simplesmente como uma explicação para o medo natural

⁷⁷ “... has no excuse.”

⁷⁸ “... from superior to all animals (see 3:1) it becomes the lowest of all.”

⁷⁹ Mic 7:17; Ps 72:9; Isa 49:23.

⁸⁰ “The enmity described in v. 15 is not a natural hatred. [...] They [Adam & Eve] had sold themselves to the serpent, and their hearts had become depraved and bent toward evil just like the serpent.”

⁸¹ “It is God who puts enmity.”



que os seres humanos têm em relação às cobras (Ojewole, 2002), essa explicação naturalista não faz sentido dentro do contexto estudado, pois nesse momento o casal encontrava-se “em aliança” com a serpente.

A palavra traduzida como inimizade, אִיבָה (*'eivah*), é usada poucas vezes na Bíblia Hebraica. Normalmente, referindo-se à hostilidade “existente entre nações em guerra (por exemplo, Ez 25:15; 35:5)” (Mathews, 1996, v. 1A, p. 245).⁸² A “palavra ‘inimizade’ em outros lugares da Bíblia Hebraica sempre inclui um ódio premeditado que leva a ações homicidas” (Ojewole, 2002, p. 185)⁸³. Percebe-se então que a inimizade é um conflito ativo, perpétuo (Wenham, 1987, v. 1; Doukhan, 2016, v. 1; Westermann, 1984), uma questão de vida ou morte (Mathews, 1996, v. 1A).

Caso Deus não tivesse estabelecido essa inimizade, “Satanás e seres humanos formariam uma aliança contra o céu em oposição a Deus e a todos os Seus propósitos” (Ojewole, 2002, p. 391)⁸⁴. Contrariamente ao que o leitor espera, Deus não estabelece a raça humana como seus inimigos, mas os dá a oportunidade de se unirem a ele contra a serpente. Tal inimizade, porém, terá um fim, quando a semente da mulher ferir a cabeça da serpente e esta lhe ferir o calcanhar (Doukhan, 2015).

Uma variedade de interpretações é sugerida para a identidade da semente/descendência. Para um resumo das interpretações existentes, conferir Ojewole (2002, p. 12-49), Cheek (2021), e Lewis (1991). A interpretação apresentada por Ojewole (2002) será adotada neste artigo: “a única classificação autêntica de interpretação de Gn 3:15 é aquela que mostra o movimento da semente figurada coletiva para a semente representativa cristológica singular” (Ojewole, 2022, p. 428-429)⁸⁵.

O autor aponta para um movimento dentro do texto, apresentando o seguinte:

Essa redução ocorre dos dois lados da inimizade contínua implantada por Deus entre a serpente (singular) e a mulher (singular); a semente da serpente (coletiva) e a semente da mulher (coletiva); culminando

⁸² “... experienced among nations in warfare.”

⁸³ “... the word ‘enmity’ elsewhere in the Hebrew Bible always includes premeditated hatred leading into murderous action.”

⁸⁴ “Satan and human beings would form an alliance against heaven in opposition to God and all His purposes.”

⁸⁵ “... the only authentic classification of interpretation of Gen 3:15 is the one showing the movement from collective figurative seed to singular representative Christological seed.”



na serpente (singular) e na Semente representativa da mulher (singular) (Ojewole, 2002, p. 428; ver Waltke, 2001, p. 93)⁸⁶.

Seguindo o raciocínio apresentado, e tomando em conta a metanarrativa bíblica, temos a seguinte progressão: “E porei inimizade entre ti [serpente] e a mulher [Eva] e entre a tua semente [descendência da serpente] e a sua semente [descendência da mulher]; esta [semente cristológica da mulher] te [serpente] ferirá a cabeça, e tu [serpente] lhe [semente cristológica da mulher] ferirás o calcanhar” (Gn 3:15, ARC).

Textos no restante do cânon, como Salmos 110, Romanos 16:20, Hebreus 2:14, Apocalipse 12:1 e 6:11, dentre outros, associam uma identidade messiânica a esse descendente (Doukhan, 2016, v. 1; Mathews, 1996, v. 1A). Vemos então que o conflito é entre a serpente e Eva, entre a descendência de ambas, e entre Deus (Cristo) e a serpente.

Pode-se concluir que, quando Deus estabelece uma inimizade entre a serpente e a mulher, e suas posterioridades, ele apresenta a humanidade como sua aliada, e não da serpente. Ele promete que, dessa descendência, surgiria um indivíduo que solucionaria a inimizade, o qual é identificado posteriormente no cânon como o messias, Jesus. Deus também afirma que tal descendente seria ferido pela serpente no calcanhar, representando uma ferida fatal que o afetaria integralmente, mesmo que fosse uma ferida menor que a da serpente, a qual seria na sua cabeça.

Assim, o problema de Adão e Eva, herdado por toda a humanidade, é solucionado de maneira divina. Isso demonstra, mais uma vez, a centralidade de Deus na narrativa: ele é quem estabelece o resultado, age como juiz (Prestes, 2023) e está em “controle total” (Trible, 1978, p. 115)⁸⁷ da narrativa.

CONSEQUÊNCIAS PARA ADÃO E EVA

Os versos 16-19 contêm as “consequências de sua [Adão e Eva] desobediência” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 104)⁸⁸. O verso 16 deve ser lido da perspectiva de Gn 3:15, destacando a associação de “dar à luz” com a descendência da mulher. Assim, seguindo a promessa de

⁸⁶ “This narrowing happens on both sides of the on-going God-implanted enmity between the serpent (singular) and the woman (singular); the seed of the serpent (collective) and the seed of the woman (collective); and culminating in the serpent (singular) and the representative Seed of the woman (singular).”

⁸⁷ “... full command.”

⁸⁸ “... consequences of their disobedience.”



vitória sobre a serpente, Deus se vira para a mulher e aponta para seu papel na história da redenção humana. Como explica Doukhan,

Pois é por meio do processo encarnacional de dar à luz uma criança, a semente da ‘mulher’, o messias, que Deus prevalecerá sobre o mal e a que esperança messiânica será cumprida (Doukhan, 2016, v. 1, p. 105; ver Mathews, 1996, 1A, p. 248; Richardson, 1953, p. 75)⁸⁹.

Nota-se também que a fala com a mulher é a única em que não se usa a palavra “maldita”, em contraste com a fala com a serpente (vs. 15) e com o homem⁹⁰ (vs. 17) (Doukhan, 2016, v. 1; Mathews, 1996, v. 1A; Wenham, 1987, v. 1; Tribble, 1978). Também se percebe que não há uma justificativa dada à mulher referente a sua consequência (Tribble, 1978; Mathews, 1996, v. 1A), demonstrando que ela foi enganada e não estava plenamente ciente das verdadeiras consequências de suas ações, em contraste com a serpente e com o homem.

Nos versos 17-19, encontra-se a fala com o homem, a qual também descreve os efeitos do pecado sobre o restante da criação. A fala começa com “E a Adão disse: — Por ter dado ouvidos à voz de sua mulher [...]” (Gn 3:17, NAA). Uma palavra-chave neste verso é “dado ouvidos” ou “escutado”. As palavras usadas formam “uma expressão idiomática que significa ‘obedecer’, normalmente utilizada em associação com Deus” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 106)⁹¹. A fala aponta para o erro de Adão, que em vez de ouvir a voz de Deus (ênfático pela repetição da instrução divina), ouve a voz de Eva. Adão dá mais valor à sua esposa do que a Deus. Tribble sugere que “talvez ele [Adão] até seja acusado de idolatria” (1978, p. 129)⁹².

Vê-se novamente a centralidade de um conflito epistemológico. A serpente se apresenta como autoridade alternativa a Deus, e Eva decide escutar a serpente e, por sua vez, tomar o lugar de Deus em estabelecer o que é bom e o que é ruim. E finalmente, o homem confia em sua mulher, e coloca a autoridade dela, e da serpente, acima da autoridade de Deus.

⁸⁹ “For it is through the incarnational process of bearing a child, the seed of “the woman,” the Messiah, that God will prevail over evil, and the messianic hope will be fulfilled.”

⁹⁰ Não é o homem quem recebe a maldição, e sim a terra. Tribble argumenta que “Deus o [o homem] maldiçoa indiretamente” (1978, p. 126) por meio da maldição sobre a terra. Westermann também comenta o seguinte: “The punishment inflicted on the woman and the man have not the character of a direct curse” (1984, p. 261). Tribble acrescenta: “At their trial, the questions of God made clear their individual accountability, similarly, their confessions, although given separately, indicated mutual responsibility. Thus, in judgment the woman is neither more nor less responsible than the man” (Tribble, 1978, p. 127).

⁹¹ “... an idiomatic expression meaning “obey,” normally used in connection with God.”

⁹² “Perhaps he is even charged with idolatry.”



Percebe-se também que as ações do casal não afetam somente a eles, mas têm um efeito sobre o restante da criação terrestre. “O pecado humano é representado como introduzindo no mundo uma espécie de contágio ou poluição que afeta toda a natureza” (Gowan, 1988, p. 59)⁹³. Enfatizando a posição do casal em relação à criação e a consistência no caráter de Deus, este respeita o domínio que delegou ao casal e não o revoga de volta para si, como seria seu direito.

EXPULSÃO DO JARDIM

No verso 20, vê-se a reação imediata do homem ao discurso de Deus (3:14-19). Adão dá “o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos” (Gn 3:20). Esse nome é o primeiro nome profético na Bíblia (Doukhan, 2016, v. 1) e é devido ao fato de que “transmite uma mensagem de ‘vida’” (Ibid., p. 110)⁹⁴. Adão declara que, mesmo tendo sido sua mulher quem lhe ofereceu o fruto (ver 3:12), ele “reconhece [...] que a vitória contra a serpente (o agente da morte) será alcançada por meio de sua família (sua descendência) por intermédio de sua esposa (a agente da vida)” (Prestes, 2023, p. 180)⁹⁵.

Seguindo a problemática da nudez do casal, Deus apresenta uma solução a esse problema, o qual o casal tentara solucionar no verso 7. “Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu” (Gn 3:21). Esse verso apresenta o cuidado de Deus para com o casal, mesmo com a traição deste e sua renúncia ao governo divino. Deus providencia “proteção adequada para cobrir sua vergonha e para preservá-los no novo ambiente hostil para o qual serão banidos” (Mathews, 1996, v. 1A, p. 254)⁹⁶.

Vemos um contraste entre a solução humana e a divina. O casal fabrica para si “cintas” (3:7), no hebraico *hagorot* (תָּלַחֲוּ), uma peça de roupa que não providencia cobertura completa (Waltke, 2001, p. 95), no inglês traduzido como *loincloth*, que não esconde/soluciona o problema de vergonha do casal. Deus, por sua vez, providencia “túnicas” (3:21, ARC), em

⁹³ “Human sin is represented as introducing into the world a kind of contagion or pollution that affects all of nature.”

⁹⁴ “... carries a message of ‘life.’”

⁹⁵ “... recognizes ... that victory against the serpent (the agent of death) will be brought about by his family (his offspring) through his wife (the agent of life).”

⁹⁶ “... adequate protection to cover their embarrassment and to preserve them in the new hostile environment to which they will be banished.”



hebraico *kotnot* (כֹּתְנוֹת), a principal vestimenta adotada em Israel. Tal túnica cobre o casal completamente, adequadamente escondendo/solucionando⁹⁷ o problema de vergonha.⁹⁸

O verso 22, porém, introduz uma dificuldade interpretativa. Tradicionalmente, ele tem sido traduzido e interpretado desta maneira: “Então, disse o SENHOR Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal”. Isso se deu por uma influência da LXX (Doukhan, 2016, v. 1) e tal tradução se enraizou na tradição cristã. Com tal leitura, é fácil chegar à seguinte conclusão: “Aqui, o SENHOR reconhece que a promessa da serpente (3:5) foi, em certo sentido, parcialmente cumprida” (Wenham, 1987, v. 1, p. 85)⁹⁹. A serpente estava certa? Deus estava realmente negando ao casal um direito que reservava somente para si?¹⁰⁰ E como relacionar essa declaração à que diz que a humanidade já fora feita à imagem e semelhança de Deus?

Uma tradução literal do texto, como a *Young’s Literal Translation* (Tradução Literal de Young), traz o verso da seguinte maneira: “e o Senhor Deus disse: ‘Eis que o homem *era* como um de nós, quanto ao conhecimento do bem e do mal’” (tradução livre)¹⁰¹ (Gn 3:22, YLT; grifo nosso). Doukhan faz as seguintes observações:

A construção gramatical da frase (sujeito-perfeito) sugere um tempo anterior. O verbo *hayah* está em uma forma ‘perfeita’ e significa ‘era’ em vez de ‘tornou-se’, como frequentemente foi traduzido sob a influência da Septuaginta. A mesma forma exata foi usada para descrever a condição duradoura da serpente, que inclui um tempo anterior: ‘a serpente **era** [*hayah*] mais astuta’ (3:1). De fato, a mesma afirmação já foi proferida pela serpente: ‘sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal’ (3:5). Neste verso, o verbo ‘ser’ também é usado na mesma forma perfeita, aqui também para descrever uma condição duradoura e não um tornar-se. Se a ideia de ‘tornar-se’ fosse o significado pretendido em hebraico,

⁹⁷ Mathews comenta: “Following Adam’s act of faith, the Lord acts immediately in behalf of the vulnerable couple by providing adequate protection to cover their embarrassment and to preserve them in the new hostile environment to which they will be banished (v. 21; see vv. 7, 18, 23)” (1996, p. 254).

⁹⁸ Mathews comenta: “Following Adam’s act of faith, the Lord acts immediately in behalf of the vulnerable couple by providing adequate protection to cover their embarrassment and to preserve them in the new hostile environment to which they will be banished (v. 21; see vv. 7, 18, 23)” (1996, p. 254).

⁹⁹ Here the LORD acknowledges that the snake’s promise (3:5) has been in one sense partially fulfilled. Ver também: “God himself acknowledges that the serpent was right in saying, ‘you will be like God’” (Gowan, 1988, p. 60).

¹⁰⁰ A identidade de quem Deus está se referindo ao usar o plural quando declara “como um de nós” (Gn 3:22, grifo nosso) não será analisada, pois sai da perícopie presente.

¹⁰¹ “... and Jehovah God saith, ‘Lo, the man was as one of Us, as to the knowledge of good and evil.’” Ver também as seguintes duas traduções: “Behold, Adam [a man, i.e., humanity] was like one of us to know good and evil. And now he must not be allowed to reach out his hand and take also from the tree of life and eat, and live forever” (Moskala, 2016, p. 13) e “Then the LORD God said, ‘Behold, the man was like one of Us discerning good and evil’” (Prestes, 2023, p. 185).



normalmente exigiria o uso da preposição *lamed* ‘para’ após o verbo ‘ser’ (*hayah*), como temos, por exemplo, em Gênesis 2:10: ‘tornou-se [*hayah le*] em quatro cabeceiras de rio.’ A variação entre as duas declarações sugere, no entanto, uma diferença fundamental entre as duas formas de conhecimento. Na declaração da serpente, o verbo ‘conhecer’ é usado na forma de particípio para descrever o ato de conhecer o bem e o mal por Adão e Eva: *yod'ey tob wara'* ‘conhecendo o bem e o mal’. Esta forma de conhecimento diz respeito à experiência do bem, assim como à experiência do mal. Na declaração de Deus, o verbo ‘conhecer’ é usado no infinitivo para descrever o conceito do conhecimento do bem e do mal: *ladaat tob wara'* ‘quanto ao conhecimento do bem e do mal’ (YLT). Esta forma de conhecimento envolve discernimento, conhecendo a diferença entre certo e errado (Doukhan, 2016, p. 102 *apud* Prestes, 2023, p. 184)¹⁰².

O verso 22, de fato, descreve uma mudança em relação ao conhecimento do casal. Anteriormente, eram capazes de compreender a diferença entre o que é certo e o que é errado (como Deus). Mas, depois de terem comido o fruto, eles não são mais como Deus. Essas pequenas mudanças do texto mudam radicalmente o significado da passagem e como Deus é caracterizado.

Com a leitura tradicional, “Eis que o homem *se tornou* como um de nós, conhecedor do bem e do mal” (3:22; grifo nosso), YHWH seria apresentado pelo narrador do mesmo modo que a serpente o faz – um Deus que priva o casal de algo, restritivo e controlador. Ao remover a influência da LXX, porém, como Doukhan, Young e outros, vemos um Deus que protege sua criação quando fala para eles permanecerem como ele, capazes de discernir entre o que é certo e o que é errado.¹⁰³

¹⁰² The grammatical construction of the sentence (subject-perfect) suggests an anterior time. The verb *hayah* is a “perfect” form and means “was” rather than “has become” as it has often been translated under the influence of the Septuagint. The exact same form has been used to describe the lasting condition of the serpent, which includes an anterior time: “the serpent **was** [*hayah*] more cunning” (3:1). In fact, the same statement has already been uttered by the serpent: “you will be like God, knowing good and evil” (3:5). In this verse, the verb “to be” is also used in the same perfect form, here also to describe a lasting condition and not a becoming. If the idea of “becoming” was the intended Hebrew meaning, it would normally require the use of the preposition *lamed* “to” following the verb “to be” (*hayah*), as we have it, for instance, in Genesis 2:10: “became [*hayah le*] four riverheads.” The variation between the two statements suggests, however, a fundamental difference between the two forms of knowledge. In the serpent’s statement, the verb “to know” is used in participle form to describe the act of knowing good and evil by Adam and Eve: *yod'ey tob wara'* “knowing good and evil.” This form of knowledge concerns the experience of good as well as the experience of evil. In God’s statement, the verb “to know” is used in the infinitive to describe the concept of the knowledge of good and evil: *ladaat tob wara'* “as to the knowledge of good and evil” (YLT). This form of knowledge involves discernment, knowing the difference between right and wrong.

¹⁰³ Uma interpretação alternativa é a de que Deus teria usado de ironia durante esta fala (ver Trible, 1978, p. 135-136; Moskala, 2016, p. 17; Kempf, 1995, p. 826-833).



Na segunda parte do verso 22, bem como nos versos 23 e 24, Deus não está somente efetivando a sentença de morte sobre o casal (cortando o acesso que eles tinham à árvore da vida), mas também exercendo um ato de misericórdia. Sabendo que, em seu novo estado de pecado, o casal viveria uma vida de sofrimentos, Deus limita esse sofrimento a um período temporário sobre a terra, a fim de que o homem não sofra eternamente.

Além da expulsão do jardim, há uma mudança na função desempenhada pelo casal (ver 2:15). O homem deve continuar lavrando a terra, embora o trabalho seja mais árduo (Prestes, 2023; Mathews, 1996, v. 1A). O dever de “guardar”, por sua vez, foi “perdido e transferido para personagens mais confiáveis: querubins” (Prestes, 2023, p. 182)¹⁰⁴.

No final, Gn 2-3 introduzem dois sistemas legislativos, um de origem divina e um que tem origem com a serpente. A sobreposição desses dois sistemas pode ser descrita como um conflito moral/epistemológico, “E qual é a questão fundamental nesse conflito moral? A questão é o caráter de Deus” (Davidson, 2009, p. 13)¹⁰⁵. Os fatos apresentados e o desenvolvimento da narrativa demonstram que o conflito presente não se limita somente ao contexto imediato, do casal tentado, mas é um desafio direto ao caráter e a lei de Deus.

OBJETIVOS DOS PERSONAGENS E INFLUÊNCIA SOBRE O ENREDO

Na sequência, serão analisados os objetivos que cada personagem demonstra ter durante a narrativa. Identificar suas motivações e papéis dentro da narrativa demonstrará a função e importância de cada um. Para isso, uma recapitulação da caracterização e da introdução de cada personagem será feita. Também, e ainda mais importante, atenção especial será dada à influência de cada personagem sobre a história, como o enredo é afetado e guiado por cada um deles.

DEUS

Na primeira parte da narrativa (2:4b-25), vemos que Deus tem o objetivo de cuidar do casal e protegê-los. Ele providencia tudo o que o casal precisa, preocupando-se não somente com o cuidado físico, mas também com seu bem-estar emocional e com sua liberdade, incluindo um preparo para o conflito do capítulo seguinte.

¹⁰⁴ “... lost and transferred to more reliable characters: cherubim.”

¹⁰⁵ “And what is the basic issue in that moral conflict? The issue is the character of God.”



Nas entrelinhas do Éden: desvendando o conflito entre o homem, Deus e a serpente

Deus é caracterizado de uma maneira que é “compatível e, ao mesmo tempo, diferente da do primeiro relato [da criação]” (Prestes, 2023, p. 90)¹⁰⁶. Enquanto em Gn 1 Ele era o Deus que criava com a fala, agora Ele é apresentado como o Deus que criou Adão e Eva com as próprias mãos (ver 2:7, 8, 21-22). Uma atenção especial é dada para o cuidado que Deus tem com o ser humano,

O narrador descreve Deus como um oleiro que forma um homem do solo e sopra o fôlego de vida nas narinas do homem (Gn 2:7). Para sustentar Sua criação, Deus se torna um jardineiro que estabelece um jardim que não apenas é funcional em sua abundante provisão de alimentos, mas também esteticamente atraente (Gn 2:8-9). Simultaneamente, Deus, o doador da vida, concede ao homem acesso à árvore da vida. Reconhecendo a solidão do homem, Deus é retratado como um médico realizando uma operação em um paciente (Gn 2:21) e depois como um construtor que 'constrói' uma companheira para o homem a partir do próprio homem (Gn 2:22). Quando Deus, retratado como o pai da noiva, apresenta a mulher ao homem (Gn 2:22b), o homem fica maravilhado (Gn 2:23). (Rooyen, 2015, p. 86)¹⁰⁷

YHWH também é apresentado como “um governante/legislador cuja soberania está sendo desafiada” (Prestes, 2023, p. 102)¹⁰⁸. Ele dá ao casal a opção de se rebelar contra ele, apresentando árvores simbólicas representando lealdade a ele ou à serpente. Mas também os ensina e orienta sobre o assunto e sobre as consequências que viriam caso desobedecessem a seu mandato, tomando uma posição de professor em relação ao casal (Prestes, 2023, p. 102). Ao apresentar o casal a essa escolha, fica claro que Deus se preocupa mais com a liberdade do casal do que com sua lealdade.

Deus não está presente durante a conversa de Eva com a serpente ou durante a decisão do casal (Gn 3:1-7). A “ausência do SENHOR Deus [na cena] parece ser necessária para preservar a liberdade de escolha de seus filhos terrenos” (Prestes, 2023, p. 187)¹⁰⁹. Vemos,

¹⁰⁶ “... both compatible with, and at the same time, different from that of the first [creation] account.”

¹⁰⁷ “... the narrator depicts God as a potter who forms a man from the ground and breathes the breath of life into the man’s nostrils (2:7). In order to sustain his creature, God becomes a gardener who establishes a garden that is not only functional in its abundant provision of food but also aesthetically attractive (2:8-9). Simultaneously, God, the giver of life, gives the man access to the tree of life. Recognising the man’s loneliness, God is portrayed as a doctor performing an operation on a patient (2:21) and then a builder who ‘builds’ a companion for the man from the man (2:22). When God, depicted as a father of a bride, presents the man with the woman (2:22b), the man is left in awe (2:23).”

¹⁰⁸ “... a Ruler/Legislator whose sovereignty is being challenged.”

¹⁰⁹ “... the LORD God’s absence seems necessary to preserve the freedom of choice of his earthly children.”



assim, consistência nas ações de Deus. Tendo preparado e providenciado os cuidados necessários para o casal, YHWH agora permite que façam sua própria escolha.

Do verso 8 em diante, Deus tem novamente o objetivo de cuidar do casal, dessa vez abordando a questão com dois objetivos: restituir o relacionamento entre ele e o casal e entre o homem e a mulher; ao mesmo tempo que faz isso, ele também prepara o casal para os desafios que iriam enfrentar fora do jardim¹¹⁰. Vemos que seu caráter cuidador não é removido por causa da decisão do casal. “Deus não apenas os busca, chamando-os (3:8), mas também entra em diálogo com eles. Em vez de uma execução imediata, o narrador retrata Deus como aquele que cobre sua vergonha com honra (3:21)” (Rooyen, 2015, p. 144)¹¹¹.

Fica claro também que Deus tem o objetivo de ter um relacionamento íntimo com o ser humano. “Deus colocou o ser humano em Seu jardim. O ser humano vive em intimidade com Deus. Esse é o plano divino para a humanidade. Deus e o ser humano vivem em intimidade, mas não sem distância” (Vogels, 1983, p. 526)¹¹². Não somente o colocou dentro de um jardim especial, como também tinha um período diário de comunhão com eles (ver 3:8; Doukhan, 2016, v. 1, p. 85). Quando o relacionamento homem-Deus foi abalado, Deus consegue restitui-lo e apresenta a humanidade como seus aliados na disputa contra a serpente (ver Gn 3:15).

SERPENTE

A serpente é introduzida na história com um único objetivo: convencer o ser humano de que o governo divino não deve ser seguido e, para isso, deturpa a lei divina e ataca o caráter de Deus (Gn 3:1-5). “A serpente descreve Deus como distante, mesquinho e injusto (3:1b). Em 3:4-5, a serpente retrata Deus como alguém com pouca autoridade, intenções questionáveis e alguém que é fraco, egoísta e duvidoso” (Rooyen, 2015, p. 144)¹¹³. Ela é apresentada e se apresenta como o inimigo de YHWH.

¹¹⁰ “The LORD God does not retaliate against humans for their tacit criticism. To the contrary, his judgments seem to help them” (Prestes, 2023, p. 190).

¹¹¹ “God not only searches them out by calling out to them (3:8), but God also enters into a dialogue with them. Rather than immediate execution, the narrator depicts God as the one who clothes their shame with honour (3:21).”

¹¹² “Dieu a placé l'être humain dans son jardin. L'être humain vit dans l'intimité de Dieu. Voilà le plan divin pour l'humanité. Dieu et l'être humain vivent dans l'intimité, mais non sans distance.”

¹¹³ “The serpent depicts God as detached, stingy and unfair (3:1b). In 3:4-5 the serpent depicts God as one with little authority, questionable intentions, and one who is weak, selfish and dubious.”



Apesar de ter influenciado Adão e Eva, ela não consegue completar seu objetivo, pois posteriormente Deus continua apresentando o casal como seus aliados (ver Prestes, 2023, p. 169) e promete que eventualmente eles teriam vitória sobre a serpente (3:15).

ADÃO E EVA

Em contraste com a serpente e com Deus, o ser humano não é introduzido à narrativa pelo narrador, “mas na iniciação e verbalização do Próprio Elohim” (Gonzalez, 2019, p. 12)¹¹⁴. O ser humano não demonstra muita iniciativa dentro da narrativa.

Da parte de Deus, ele recebe a incumbência de ‘cultivar e guardar’ o jardim (2:15). Davidson comenta o seguinte:

Essas duas palavras hebraicas, quando usadas juntas em outros lugares no Pentateuco e em todo o Antigo Testamento no contexto do santuário, consistentemente funcionam como uma expressão técnica para o serviço dos sacerdotes e levitas no santuário (veja Números 3:7-8; 8:26; 18:3-7). Portanto, o uso dessa terminologia em par na configuração do santuário do Jardim do Éden claramente implica uma função sacerdotal para o primeiro casal no Jardim do Éden. (2015, p. 72)¹¹⁵

Existe uma clara alusão a um trabalho sacerdotal, colocando tal responsabilidade sobre o casal. Isso inclui “A responsabilidade de ‘guardar’ a terra no estado que lhes foi dado, de protegê-la” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 78)¹¹⁶. Também pode haver uma conexão de adoração/descanso associada a esse termo (Davidson, 2015).

O homem e a mulher também são apresentados como tendo o objetivo de cuidar/salvar um ao outro. A mulher é claramente apresentada como *ezer* (Gn 2:18) de Adão, e o qualificador da mulher

kenegdo [...] ‘comparável ao’ homem, destaca a correspondência, mutualidade e complementaridade da mulher em relação ao homem.

¹¹⁴ “... but on the initiation and verbalization of Elohim Himself.”

¹¹⁵ “These two Hebrew words, when used together elsewhere in the Pentateuch, and elsewhere in the whole OT in the setting of the sanctuary, consistently function as a technical expression for the service of the priests and Levites in the sanctuary (see Num 3:7-8; 8:26; 18:3-7). Thus, the use of this paired terminology in the setting of the Eden Garden sanctuary clearly implies a priestly function for the first couple in the Garden of Eden.”

¹¹⁶ “... the responsibility to ‘keep’ the earth in the state it has been given to them, to protect it.”



Por implicação, conceitualmente ambos são *ezers* (auxiliadores/salvavidas) um para o outro” (Prestes, 2023, p. 111-112)¹¹⁷.

Do mesmo modo que a mulher tinha o objetivo de ajudar seu marido, o homem tinha a responsabilidade de cuidar dela.

Podemos ver que o casal fracassa em ambos os objetivos, deixando-se ser enganados pela serpente e deixando de cuidar do jardim no processo, a ponto de a função de guardar o jardim ser transferida a outro (3:24). De um relacionamento amoroso e protetor, Eva leva Adão a pecar, indo contra seu propósito de o auxiliar/salvar (3:6-7) e Adão, por sua vez, acusa sua esposa¹¹⁸ (3:12).

INFLUÊNCIA SOBRE O ENREDO

No texto analisado, o ser humano raramente age de maneira individual, mas sempre é influenciado por algum elemento externo, seja Deus ou a serpente. São estes dois que movem o enredo: YHWH, tendo controle total sobre a narrativa, e a serpente, tendo um controle parcial.

A narrativa do capítulo dois é dividida em dois movimentos:

No primeiro movimento, a narrativa faz a transição das complicações em seu cenário — uma série de situações ainda não concretizadas: nenhuma planta, nenhuma chuva e nenhum ser humano (Gn 2:5) — para suas resoluções com um homem em um jardim bem irrigado (Gn 2:7-15). O segundo movimento na narrativa surge da falta de uma parceira para o homem (Gn 2:18) para a criação da mulher e sua união com o homem (Gn 2:19-25). Ambos os movimentos (Gênesis 2:5-15 e 2:18-25) conduzem a narrativa em uma trajetória de incompletude para completude (Prestes, 2023, p. 86; ver Mettinger, 2007, p. 18)¹¹⁹.

¹¹⁷ “The second qualifier for the woman, *kenegddo* [...] ‘comparable to’ man, stresses the woman’s correspondence, mutuality, and complementarity to man. By implication, conceptually both are *ezers* (helpers/life savers) to each other.”

¹¹⁸ Waltke comenta o seguinte: “They use speech, which is meant to bind them together, to alienate one another. Moreover, they use speech, which enables them to rule, in a way that forfeits that rule” (2001, p. 83).

¹¹⁹ “In the first movement the account transitions from complications in its setting—a series of not-yets: no plants, no rain, and no humans (Gen 2:5)—to their resolutions with a man in a well-watered garden (Gen 2:7–15) The second movement in the account stems out of the lack of a partner for man (Gen 2:18) to the creation of woman and her union to man (Gen 2:19–25). Both movements (Gen 2:5–15 and 2:18–25) carry the narrative in a trajectory from incompleteness to completeness.”



Nas entrelinhas do Éden: desvendando o conflito entre o homem, Deus e a serpente

Vê-se que no primeiro movimento (2:5-15) o Senhor Deus é o único agente ativo. Desde o início, ele é quem criou os céus e a terra (2:4b), quem ainda não fez chover sobre a terra (2:5), quem formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas (2:7) e quem plantou o jardim e colocou o ser humano lá (2:8).

O fato de ter sido Deus quem plantou o jardim é inesperado quando seguimos o fluxo narrativo, pois a “estrutura do início parecia indicar que o ser humano começaria a cultivar a terra (aparentemente, foi para isso que ele foi criado). Para nossa surpresa, lemos que Yahweh Deus se torna esse agricultor” (Vogels, 1983, p. 525)¹²⁰. Mesmo sendo o homem quem vai fazer a manutenção do jardim, ele a faz sob a instrução Divina (ver 1:26-28; 2:15).

No segundo movimento da narrativa (2:18-25), o homem passa a ser um elemento que age, mas Deus continua sendo o elemento diretivo dentro do enredo. No verso 18, Deus toma a iniciativa, declarando que “não é bom que o homem esteja só”, e decidindo que Ihe faria uma “auxiliadora que Ihe fosse idônea”.

A partir de então, Deus leva o homem em uma jornada para ajuda-lo a identificar essa auxiliadora. Ele apresenta ao homem todos os animais criados, e Adão dá nome a eles (2:19-20), mas “não se achava uma auxiliadora que Ihe fosse idônea” (2:20). Apesar de que é o homem quem dá o nome aos animais, não o faz por sua própria iniciativa, mas porque Deus os apresentou a ele com o objetivo de mostrar que nenhum deles era um(a) companheiro(a) ideal para ele. Johnson (2011, p. 40-41) comenta o seguinte:

Mesmo que a nomeação dos animais pelo homem seja vista como ‘o homem agindo como agente autônomo’, essa descrição negligenciaria o impulso da narrativa. Deus declara a natureza incompleta da situação do homem. Deus então apresenta os animais como o único sujeito do verbo בוא (‘trazer’). Deus orchestra essas apresentações contíguas, incluindo a apresentação final da criatura ‘construída’ do lado do homem, a quem ele chama (אָרָא) de ‘mulher’ [...]. O homem não age ou descobre independentemente de YHWH Elohim. Pelo contrário, o homem parece ver quem é sua parceira apropriada quando é guiado por YHWH Elohim¹²¹.

¹²⁰ “La structure du début semblait indiquer que l'être humain commencerait à cultiver le sol. Apparemment c'est pour cela qu'il fut créé. Il a la possibilité de transformer le désert en un jardin. Nous lisons à notre surprise que Yahweh Dieu devient cet agriculteur.”

¹²¹ “Even if the man's naming of animals is 'man acting as autonomous agent', this description would neglect the thrust of the narrative. God declares the *incomplete* nature of man's situation. God then presents the animals as the only subject of בוא ('to bring'). God orchestrates these contiguous presentations including the final



Deus é quem causa a queda de um sono sobre o homem (2:21) e que forma a mulher (2:22). A exclamação do homem (2:23) é somente feita como reação à ação criativa de Deus.

Toda a “tensão narrativa” (Prestes, 2023, p. 86)¹²² é introduzida em Gn 2:16-17¹²³, versos em que Deus estabelece a si próprio como soberano sobre a criação e sobre Adão e Eva (Prestes, 2023, p. 86). Ele dá uma instrução oral ao homem, e posteriormente a história insinua que Eva também ouviu tal instrução, seja pelo homem ou uma posterior repetição do próprio Deus.

O capítulo 3, por sua vez, apenas desenvolve essa tensão, trazendo um elemento inesperado, que “aparece de repente” (Mathews, 1996, v. 1A, p. 232)¹²⁴. A serpente é introduzida à narrativa e se apresenta como um sistema legislativo alternativo ao de YHWH. No início do capítulo 3, vemos a serpente em diálogo com Eva, apresentando a escolha epistemológica (a qual foi discutida acima) ao casal. Em suma, a serpente “instiga a mulher a rejeitar a imposição de quaisquer limites e contradizer categoricamente a Deus” (Dempster, 2006, v. 15, p. 64)¹²⁵. Na sequência (3:6-7), vemos a escolha do casal, a ação mais influente da parte deles na narrativa.

“Ela [Eva] optou por desacreditar e desconfiar de Deus e comer do fruto, assim como Adão” (Peckham, 2022, p. 129). Em contraste com outros locais do texto, o casal tem um impacto importante no enredo. Interessantemente, essa escolha foi altamente influenciada tanto por Deus quanto pela serpente. Ao fim, porém, quem lida com as consequências dessa ação é Deus, indo atrás do casal (vs. 8), dando a promessa de uma solução (vs. 15) e finalmente apresentando as consequências finais (vs. 20-24).

Humanos têm poucas ações dentro do texto. Além dos eventos de Gênesis 3:1-7, os seres humanos esporadicamente agem de maneira independente, sem alguém lhes instruir ou lhes mandar fazer algo diretamente. Os dois locais em que Adão age por si só são as declarações do homem em relação a Eva (2:23 e 3:20), e ambos são reações diretas a ações

presentation of the creature 'built' from the man's side whom he calls (אִשָּׁה) 'woman' [...]. The man does not act or discover independently of YHWH Elohim. Rather, the man seems to see who his proper mate is when guided by YHWH Elohim.”

¹²² “... narrative tension.”

¹²³ “At the center of the second creation account, a third narrative tension appears in Genesis 2:16–17 regarding the prohibition to partake from “the tree of knowledge of good and evil.” But such tension is only addressed in Genesis 3” (Prestes, 2023, p. 86). “The unresolved complication brought by the central section of the second creation account—limits to human dominion (Gen 2:16–17)—comes to a sharp focus in Genesis 3” (Prestes, 2023, p. 132).

¹²⁴ “Appears suddenly.”

¹²⁵ “... urg[es] the woman to reject the imposition of any limits and flatly contradicting God.”



divinas. Em sua primeira fala, “Adão se refere ao ato de criação de Deus” (Doukhan, 2016, v. 1, p. 84)¹²⁶ e a segunda “indica que o casal sobreviverá por meio da intervenção graciosa de Deus” (Mathews, 1996, v. 1A, p. 254)¹²⁷ referindo-se à promessa divina em Gênesis 3:15.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo presente teve como objetivo entender o conflito presente em Gênesis 2:4b-3:24. Para isso, realizou uma leitura atenta (*close reading*) do texto, prestando atenção no desenvolvimento do enredo e na caracterização dos personagens. Como objetivo secundário, buscou-se definir se o texto de Gn 2:4b-3:24 tem uma ênfase antropocêntrica ou teocêntrica.

Ficou evidente que o ser humano é caracterizado como alguém totalmente dependente; ele não demonstra iniciativa própria, simplesmente reage ao que está acontecendo a sua volta. Por sua vez, Deus é apresentado como alguém que cuida e guia os seres humanos, demonstrando intimidade e preocupação para com sua criação, chegando ao ponto de os aceitar mesmo após rejeitarem-no. Finalmente, a serpente não é apresentada com o objetivo de se opor ao casal diretamente, mas, de fato, de opor-se a Deus, e usa o casal como meio de o alcançar.

Em Gn 2, o casal é criado e estabelecido dentro de um ambiente preparado para eles por Deus. Esse ambiente, inclusive, parece ter sido pensado para possibilitar uma rebelião, preservando assim a livre escolha do casal. YHWH também fornece um único mandamento: “da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás”, e voluntariamente estabelece tal árvore no centro do jardim, próximo à árvore da vida. Além de um local para viver, YHWH lhes dá o propósito de “cuidar e lavrar do jardim” como delegados de Deus sobre a criação. Também é estabelecido que existe uma proximidade, um relacionamento entre Deus e o casal (ver 2:25 e 3:8).

Na sequência, Eva se depara com o antagonista da história, o qual não se opõe diretamente ao casal, mas se estabelece contra o Criador. Ele difama a Deus e oferece ao casal um sistema de leis alternativas, procurando neles aliados contra Deus. Quando aceitam a proposta da serpente, YHWH volta à cena e inicia o resgate dos seres humanos, os

¹²⁶ “Adam refers to God’s act of creation.”

¹²⁷ “... indicate that the couple will survive through the gracious intervention of God.”



estabelecendo como Seus aliados e dando a garantia de que resolveria o problema. Os seres humanos, por sua vez, teriam sua parte na solução (a semente viria da mulher).

Quanto aos objetivos de cada um, o casal não tem objetivos próprios, mas aceitam objetivos da parte de Deus. Infelizmente, eles falham tanto em cuidar do jardim quanto em cuidar um do outro. Por sua vez, a serpente busca conquistar a lealdade do casal, o que ela parece conseguir fazer até que Deus reaparece na narrativa e dá a oportunidade ao casal de voltar a segui-lo. Finalmente, Deus se apresenta com o objetivo principal de manter um relacionamento com o casal.

O conflito apresentado não é, primariamente, entre a serpente e o casal, o qual apenas reage ao seu ambiente imediato. Conseqüentemente a ênfase não está sobre o casal. O conflito é entre Deus e a serpente, tendo como centro o caráter de Deus, como demonstrado pelas falas da serpente e as ações divinas que seguem.

Até mesmo no começo do capítulo 3, o único momento em que Deus não está imediatamente presente, ele é o tema. Após as acusações da serpente, por fim, Deus retorna e demonstra que de fato não é quem a serpente diz que ele é. Ele é reintroduzido como um pai atencioso, que não somente providencia uma solução temporária, mas dá a promessa de uma solução definitiva para a recém introduzida separação entre Deus e homem.

REFERÊNCIAS

ALTER, R. **Genesis**: translation and commentary. New York: W. W. Norton & Company, inc., 1996

BRUEGGEMANN, W. **Genesis Interpretation**: a bible commentary for teaching and preaching. Louisville, KY: John Knox Press, 1982

CHEEK, J. Recent developments in the interpretation of the seed of the woman in genesis 3:15. **Evangelical Theological Society**, v. 64, n. 2, p. 215-236, 2021. Disponível em: https://etsjets.org/wp-content/uploads/2021/10/files_JETS-PDFs_64_64-2_JETS_64.2_215-236_Cheek.pdf. Acesso em: 29 ago. 2023

COETZEE, J. Close reading of the bible. **Old Testament Essays**, v. 7, n. 4. p. 72-77, 1994. Disponível em: https://hdl.handle.net/10520/AJA10109919_549. Acesso em: 30 abr. 2024

DAVIDSON, R. Back to the beginning: genesis 1-3 and the theological center of scripture. In: HEINZ, Daniel; Moskala, Jiří; BEMMELEN, Peter (ed.). **Christ, Salvation, And the Eschaton**. Berrien Springs, MI: Old Testament Department, Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, 2009. p. 5-30. Disponível em: https://www.academia.edu/19770147/Back_to_the_Beginning_Genesis_1_3_and_The_Theological_Center_of_Scripture. Acesso em: 09 maio 2023



DAVIDSON, R. Earth's first sanctuary: genesis 1–3 and parallel creation accounts. **Andrews University Seminary Studies**, v. 53, n. 1. p. 65-89, 2015. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/auss/vol53/iss1/5>. Acesso em: 28 ago. 2023

DEMPSTER, S. **Dominion and Dynasty**: a biblical theology of the hebrew bible. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2006. (New Studies in Biblical Theology, v. 15).

DORNELES, V (ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**: Gênesis a Deuteronômio. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. v. 1.

DOUKHAN, J. Cosmic forgiveness: the riddle of the serpent in genesis 3:15. **Shabbat Shalom: A Journal for Jewish-Christian Reconciliation**, v. 54, n. 3, p. 28-33, 2007. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/shabbat-shalom/vol54/iss3/6>. Acesso em: 28 ago. 2023

DOUKHAN, J. **On the Way to Emmaus**: five major messianic prophecies explained. Clarksville, MD: Messianic Jewish Publishers, 2015.

DOUKHAN, J. **Genesis**. Nampa: Pacific Press, 2016. (Seventh-Day Adventist International Bible Commentary, v. 1).

EMMRICH, M. The temptation narrative of Genesis 3:1-6: a prelude to the pentateuch and the history of Israel. **The Evangelical Quarterly**, v. 73, n. 1, p. 3-20, 2001.

ERITH, L. Genesis. In: GORE, C.; GOUDGE, H.; GUILLAUME, A. **A New Commentary on Holy Scripture**: including the apocrypha. New York: The Macmillan Company, 1928. p. 36-63.

GONZALEZ, M. **A narrative analysis of Genesis 3:1-7 and the theological significance of the serpent**. 2019. Dissertação (Mestrado em Teologia) — Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 2019. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1144&context=theses>. Acesso em: 16 maio 2023.

GOWAN, D. **From Eden to Babel**: a commentary on the book of Genesis 1-11. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1988.

HAMILTON, V. **The Book of Genesis**: chapters 1-17. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1990. (The New International Commentary on the Old Testament)

HENRY, M. **Matthew Henry's Concise Commentary**. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1997.

HUMPHREYS, L. **The Character of God in the Book of Genesis**: a narrative appraisal. Louisville, KY: Westminster Joh Knox Press, 2001.

JAMIESON, Robert; FAUSSET, Andrew; BROWN, David. **Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1871.

JOHNSON, A. **Error and epistemological process in the pentateuch and Mark's gospel**: a biblical theology of knowing from foundational texts. 2011. Tese (Doutorado em Teologia) —



St Mary's College, University of St Andrews, St Andrews, Fife, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10023/1896>. Acesso em: 17 set. 2023

KEMPF, S. **A discourse analysis of genesis 2:4b-3:24 with implications for interpretation and bible translation**. 1995. Tese (Doutorado em filosofia) – Faculté des Etudes Supérieures, l'Université Laval, LAval, Quebec, 1995.

LEWIS, J. The woman's seed (gen 3:15). **Journal of the Evangelical Theological**, v. 34, n. 3, p. 299-319, 1991. Disponível em: https://etsjets.org/wp-content/uploads/2010/07/files_JETS-PDFs_34_34-3_34-3-pp299-319_JETS.pdf. Acesso em: 19 ago. 2023

MATHEWS, K. **The New American Commentary: Genesis 1-11:26**. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1996. (New International Version, v. 1A)

MAGNUM, D.; CUSTIS, Miles; WIDDER, Wendy. **Lexham Research Commentaries: Genesis 1-11**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2012.

METTINGER, T. **The Eden Narrative: a literary and religio-historical study of Genesis 2-3**. Winona Lake, IN: Eisenbrauns. 2007

MIDDLETON, R. The liberating image? Interpreting the imago Dei in context. **Christian Scholars Review**, v. 24, n. 1, 1994, p. 8-25. Disponível em: <https://biblicalelearning.org/wp-content/uploads/2022/01/Middleton-ImagoDei-CSR.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2023

MOSKALA, J. You will be like God knowing good and evil: discernment of truth and lies. **Journal of Adventist Mission Studies**, v. 12, n. 2, p. 10-18. 2016. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol12/iss2/3>. Acesso em: 14 set. 2023

MOSKALA, J. Origin of sin and salvation according to Genesis 3: a theology of sin. In: HANNA, M.; JANKIEWICZ, D.; REEVE, J. (ed.). **Salvation: Contours of Adventist Soteriology**. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2018. p. 119-143.

OJEWOLE, A. **The seed in genesis 3:15: an exegetical and intertextual study**. 2002. Tese (Doutorado em Teologia) — Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 2002. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/dissertations/116>. Acesso em: 07 dez. 2023.

PECKHAM, J. **Teodiceia do amor: o conflito cósmico e o problema do mal**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2022.

PINEDA, J. P. Sanctuary/Temple in Genesis 1-3: A Reevaluation of the Bblical Evidence. Dissertation (Doctor of Philosophy) Berrien Springs, MI: Andrews University, 2019

PRESTES III, F. Dominion shifts in biblical apocalyptic literature: a narrative reading of Daniel 7 and Revelation 12–14 vis-à-vis Genesis 1–3. 2023. Tese (Doutorado em Teologia) — Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 2023. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/dissertations/1801>. Acesso em: 04 out. 2023



RANKIN, J. Power and gender at the Divinity school. In: MONROE, Kelly (ed.). **Finding God at Harvard: Spiritual Journeys of Thinking Christians**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996. p. 199-204.

RICHARDSON, A. **Genesis I-XI: Introduction and commentary**. London: SCM PRESS, 1953.

ROOYEN, P. **The character of God in Genesis 2-3**. 2015. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculty of Theology, University of Pretoria, Hatfield, Pretoria, 2015.

SAILHAMER, J. Genesis. In: GAEBELEIN, Frank (ed.). **The expositor's Bible commentary: Genesis — Numbers**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1990. v. 2.

SKINNER, J. **A critical and exegetical commentary on Genesis**. New York: Charles Scribner's Sons, 1910. (International Critical Commentary).

SKLAR, J. The prohibitions against homosexual sex in Leviticus 18:22 and 20:13: Are They Relevant Today? In: *Bulletin for Biblical Research* n. 28 (2), p. 165–198. 2018.

STRONG, J. **A concise dictionary of the words in the Greek Testament and the Hebrew Bible**. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2009.

TONSTAD, S. **Saving God's reputation: the theological function of 'pistis iesou' in the cosmic narratives of revelation**. 2005. Tese (Doutorado em Teologia) — St Mary's College, University of St Andrews, St Andrews, Fife, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10023/13491>. Acesso em: 12 jun. 2023

TONSTAD, S. **God of sense and traditions of non-sense**. Eugene, OR: Wipf & Stock, 2016.

TRIBLE, P. **God and the rhetoric of sexuality**. Philadelphia: Fortress Press, 1978.

VOGEL, C. **The nature of David's kingship at Hebron: an exegetical and theological study of 2 Samuel 2:1-5:5**. 2019. Tese (Doutorado em Teologia) — Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 2019. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/dissertations/1684>. Acesso em: 30 abr. 2024

VOGELS, W. L'être humain appartient au sol. Gn 2,4b-3,24. In: **Nouvelle Revue Théologique**, v. 105, n. 4, p. 515-534. 1983. Disponível em: <https://www.nrt.be/es/articulos/l-etre-humain-appartient-au-sol-gn-2-46-3-24-919>. Acesso em: 29 set. 2023

WALSH, J. Genesis 2:4b-3:24: a synchronic approach. In: **Journal of Biblical Literature**, v. 96, n. 2, 1977.

WALTKE, B. **Genesis: a commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001.

WENHAM, G. **Genesis 1-15**. Waco, TX: Word Books, 1987. (Word Biblical Commentary, v. 1)

WESTERMANN, C. **Genesis 1-11: a commentary**. Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1984



Nas entrelinhas do Éden: desvendando o conflito entre o homem, Deus e a serpente

WHITE, Ellen. **Patriarchs and prophets**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1890.

WHITE, Ellen. Harmony with apostate powers a sign of enmity to God. **The Signs of the Times**, v. 20, n. 32, p. 500-501, 1894. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/ST/ST18940618-V20-32.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2024.

WHITE, Ellen. **Patriarcas e Profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.